



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

CYNTHIA CARLLA DE ALMEIDA ANDRADE

**LETRAMENTO VISUAL: TRABALHANDO A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira

ITABAIANA - SE

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA

CYNTHIA CARLLA DE ALMEIDA ANDRADE

LETRAMENTO VISUAL: TRABALHANDO O GÊNERO FOTOGRAFIA
DOCUMENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE ITABAIANA - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira.

ITABAIANA - SE

2015

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A553I Andrade, Cynthia Carlla de Almeida
 Letramento visual: trabalhando a fotografia documental no
Ambiente escolar / Cynthia Carlla de Almeida Andrade; orientador
Derli Machado de Oliveira. – Itabaiana, 2015.

133 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2015.

1. Linguagem iconográfica. 2. Letramento visual. 3. Imagens
Fotográficas – Sebastião Salgado. 4. Fotografia documental. 5.
Colégio Municipal de Andorinha - ensino fundamental. I. Mariano,
Derli Machado de, orient. II. Título.

CDU 81'221.4



PROFLETRAS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabiânia

Andréa Reis Barbosa

Andréa Reis Barbosa
Secretária Executiva
PROFLETRAS-ITA

Derli Machado de Oliveira

Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira
Presidente da Comissão Julgadora

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva
Examinador interno

Sônia Pinto de Albuquerque Melo

Prof.^a Dr.^a Sônia Pinto de Albuquerque Melo
Examinadora Externa

Cynthia Carlla de Almeida Andrade

Cynthia Carlla de Almeida Andrade

*Dedico este trabalho à minha mãe Olavia (in memoriam),
mulher guerreira que sempre vibrava e se orgulhava de
minhas vitórias.*

AGRADECIMENTOS

Tudo que a memória amou já ficou eterno.
Adélia Prado

Agradeço a Deus, pela graça da vida, coragem e sabedoria. Por manter-me serena e confiante diante dos obstáculos. `

À meus pais Joaquim (in memoriam) e Olavia (in memoriam) pelo ato de amor da adoção que me proporcionou uma vida melhor.

À minha família, em especial minha irmã Tania que está sempre presente e disposta a ajudar.

Ao meu esposo Regivaldo, por entender os momentos de ausência e pela paciência nos momentos de tensão.

Ao meu sobrinho Uelber José que tanto me auxiliou na reta final deste trabalho.

Aos amigos conquistados durante essa trajetória: Márcia, Josilda, Ana Cláudia, Berivane e, especialmente Rejanilza pelos bons momentos de alegria e descontração, mas também pelo companheirismo nos momentos difíceis.

À turma PROFLETRAS pelo companheirismo, união e carinho. Com certeza, sentirei falta de todos vocês.

Ao Colégio Municipal de Andorinha e aos alunos do 9º C que se dispuseram a me auxiliar nessa empreitada de maneira tão intensa e cuidadosa.

Ao meu orientador Derli Machado pela paciência e compreensão dos momentos difíceis que vivi e por me apresentar e acrescentar novos saberes.

À CAPES por custear, patrocinar os meus estudos.

Ao professor-coordenador “tio” Carlos Magno pela sua insistência em sonhar e em buscar um rumo novo para a educação.

Enfim, a todos os amigos, parentes, colegas de trabalho que contribuíram direta ou indiretamente com o sucesso deste trabalho.

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas, que já
tem a forma do nosso corpo, e
esquecer os nossos caminhos, que nos
levam sempre aos mesmos lugares. É
o tempo da travessia: e, se não
ousarmos fazê-la, teremos ficado,
para sempre, à margem de nós
mesmos.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Atualmente, apesar da linguagem iconográfica ser disseminada por meio de imagens, os alunos em todos os segmentos tem dificuldade em ler, interpretar e correlacionar imagens, principalmente a fotografia, que constantemente são usados nos livros didáticos, jornais e revistas impressas ou virtuais. A fotografia documental além de registrar momentos históricos importantes proporciona a reflexão crítica daquilo que é registrado. Dessa forma, foi elaborado e aplicado um projeto didático com alunos do 9º ano da Unidade Escolar Colégio Municipal de Andorinha com o intuito de proporcionar o letramento visual a partir de imagens fotográficas documentais. Foi escolhido como corpus da pesquisa algumas imagens/fotos do fotógrafo Sebastião Salgado por seu trabalho priorizar uma reflexão a respeito das mazelas sociais. A pesquisa está fundamentada a partir da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996) que elenca os aspectos de uma imagem que podem ser analisados criteriosamente. Também foi de fundamental importância os estudos de gênero de Bakhtin (2011), Marchuschi (2008), Dionísio (2011), dentre outros. Diante disso, a presente pesquisa utilizou-se no primeiro momento de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de fundamentação consistente, principalmente em relação aos estudos semióticos com o conhecimento e aprofundamento da gramática do design visual (GDV) para que pudesse analisar semiologicamente as fotografias escolhidas. O segundo passo se deu por meio da pesquisa-ação, ou seja, as análises feitas à luz da teoria foram colocadas em prática por meio da aplicação de planos de aula organizadas em um projeto didático que culminou em um caderno pedagógico contendo explicações simplificadas a respeito da GDV e o passo a passo do projeto pedagógico com orientações para o professor.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia documental, Gêneros discursivos, Gramática do design visual, Letramento visual, Projeto pedagógico.

ABSTRACT

Currently, despite the iconographic language be disseminated through images, students in all segments are struggling to read, interpret and correlate images, especially photography, which are constantly used in textbooks, newspapers and magazines printed or virtual. The documentary photography in addition to register important historical moments provides the critical reflection of what is recorded. In this way, it was elaborated and applied a didactic project with students of the 9th year of School Unit Municipal School of Swallow in order to provide visual literacy from documentary photographic images. It was chosen as corpus of research some images/photos of photographer Sebastião Salgado for his work to prioritize a reflection about social ills. The research is based from the grammar of Visual Design of Kress and van Leeuwen (1996) that lists aspects of an image that can be analyzed carefully. Was also of fundamental importance the gender studies of Bakhtin (2011), Marchuschi (2008), Dionysius (2011), among others. Given this, the present research was used in the first moment of a bibliographical research in order to provide justification for consistent, especially in relation to the semiotic studies with knowledge and deepening of the grammar of visual design (GDV) so that it could analyze the photographs chosen semiologically. The second step took place through action research, i.e. the analysis done in the light of the theory was put into practice through the application of lesson plans arranged in a didactic project, which culminated in a pedagogical sketchbook containing simplified explanations regarding GDV and the pedagogical project step-by-step with guidelines for the teacher.

KEYWORDS: Documentary photography, discursive Genres, grammar of the visual design, visual Literacy, educational project.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representações narrativas	22
Quadro 2 – Representações conceituais	23
Quadro 3 – Relações Interativas	29
Quadro 4 – Metafunção composicional	30

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - A luta pela terra: a dor da mãe do jovem Oziel	20
Foto 2 -	21
Foto 3 - A luta pela terra: crianças às margens da rodovia	21
Foto 4 – Os pobres trabalhadores da terra	22
Foto 5 - Crianças Abandonadas Nas Instituições Estaduais	23
Foto 6	24
Foto 7	25
Foto 8	25
Foto 9 - Migração Rural para as grandes cidades	26
Foto 10	26
Foto 11	27
Foto 12	27
Foto 13	28
Foto 14 A ocupação de um latifúndio.....	29
Foto 15	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	14
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: ESTUDO DE GÊNEROS	14
1.1. Gêneros Textuais	14
1.2 Correntes Teóricas que enfatizam os Estudos sobre Gêneros em uma Abordagem Semiótica	15
1.3 Letramento Visual, Multiletramento e Multimodalidade	17
CAPITULO 2.....	19
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: O GÊNERO FOTOGRAFIA	19
2.1 Breve Histórico	19
2.2 Sebastião Salgado e a Foto Documental: o <i>corpus</i> em foco.	21
CAPÍTULO 3	24
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	24
3.1 GDV : pressupostos da teoria.....	24
3.2 Metafunção representacional	25
3.3 Metafunção interativa	29
3.4 Metafunção composicional	35
CAPÍTULO 4	36
METODOLOGIA	36
4.1 Seleção do <i>Corpus</i>	36
4.2 As Ferramentas de Análise	36
4.3 Aspectos Gerais da Pesquisa	37
4.4 Procedimentos Metodológicos	38
4.5 A Escola e os Sujeitos	39
4.5.1 A escola	39
4.5.2 Os sujeitos	40
4.6 Detalhamento da execução da Proposta e Análise de Dados	41
4.7 Caderno Pedagógico	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101

6. REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	105
APÊNDICE – Questionário de sondagem	106
ANEXO A - Atividade – 1ª etapa – aula 1	108
ANEXO B - Atividade da 1ª etapa – aulas 2 e 3	114
ANEXO C - Atividade 1ª etapa – aulas 2 e 3	115
ANEXO D - Atividade – 2ª etapa – aula 1	116
ANEXO E - Atividade – 2ª etapa – Aulas 3 e 4	117
ANEXO F - Atividade 2ª etapa – aula 7	125
ANEXO G - Atividade - 3ª etapa – aulas 4 e 5 - mostra fotográfica	127
ANEXO H - Páginas do álbum de fotos do 1º grupo	129
ANEXO I - Páginas do álbum do 2º grupo	130
ANEXO J - Páginas do álbum do 3º grupo	131

INTRODUÇÃO

Atualmente, apesar da disseminação da linguagem iconográfica através do uso de imagens, os alunos em os segmentos tem dificuldade em ler, interpretar e correlacionar imagens principalmente a fotografia que constantemente são usados nos livros didáticos, jornais e revistas impressas ou virtuais.

Há a necessidade cada vez maior de um ser multiletrado, ou seja, um indivíduo que consiga compreender linguagens diversas principalmente a não-verbal, pois o letramento visual se insere na contemporaneidade como algo extremamente importante para os novos leitores.

Durante muito tempo, a escola esteve focada no ensino da linguagem verbal ou por meio das temidas regras gramaticais ou pelas atividades entediantes de leitura. Isso acarretou em um déficit em relação às linguagens não verbais. Temos, então, iletrados visuais, alunos e, conseqüentemente, cidadãos que não conseguem estabelecer conexões e depreender sentidos de uma imagem ou, quando muito, veem a imagem apenas como um complemento para o que se está escrito.

A nova demanda da sociedade cada vez mais tecnológica e multimodal tem exigido leitores capazes de reconhecer e interagir com todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existentes em nossa sociedade. As imagens, principalmente fotográficas, são amplamente utilizadas em várias esferas da sociedade, na propaganda, por exemplo, a junção de imagem e texto verbal é quase primordial, pois auxilia no impacto que se quer causar no consumidor. Entretanto, para que essa leitura seja efetiva, é necessária a habilidade de uma leitura ampla visto que a junção de imagens e palavras ou só imagem torna essa leitura mais complexa.

Diante dessa problemática surge a seguinte questão: os alunos conseguem reconhecer os sentidos presente em imagens fotográficas? Para responder a essa questão essa pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 9º ano do Colégio Municipal de Andorinha, no turno vespertino. Nesse contexto utilizou-se um conjunto de fotos do renomado fotógrafo Sebastião Salgado organizado em um Projeto Pedagógico. Após a aplicação do projeto foi organizado um caderno pedagógico contendo considerações teóricas sobre a Gramática do Design Visual (GDV)¹ e o projeto pedagógico.

¹ No decorrer do texto utilizaremos a sigla GDV para se referir a Gramática do Design Visual.

Para a fundamentação teórica é importantíssima a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen que permitirá analisar os elementos não verbais presentes no gênero fotografia. A respeito desta teoria focaremos as análises nas metafunções representacional e interativa. E, também à luz de Bakhtin (2011), teceremos considerações a respeito do gênero textual como produto socialmente construído, por isso discursivo.

Este TCF está dividido em três capítulos: o primeiro traz o embasamento teórico com os estudos de gênero e as explicações das metafunções da GDV, usando como exemplo, as fotos de Sebastião Salgado; o segundo, traz um panorama histórico do gênero fotografia e sua escolha como *corpus*; o terceiro explica a metodologia aplicada bem como os resultados alcançados e o caderno pedagógico. Em seguida, temos as considerações finais com reflexões sobre o processo de pesquisa e os resultados. Por fim, temos como anexos as cópias das atividades desenvolvidas em sala de aula durante a pesquisa.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: ESTUDO DE GÊNEROS

Neste capítulo apresentamos a fundamentação teórica acerca dos estudos de gêneros que norteará o nosso trabalho. Na seção 1.1 abordamos os estudos de Bakhtin (2011) acerca de gêneros discursivos. Na seção 1.2 faremos um breve percurso sobre os estudos de gêneros na abordagem semiótica. Na seção 1.3 revisitamos o conceito de letramento e esclarecemos os de multiletramento e multimodalidade ressaltando sua inserção nos atuais estudos sobre gêneros.

1.1 Gêneros Textuais

Bakhtin (2011) aponta que os gêneros discursivos são heterogêneos. Além dessa heterogeneidade de gêneros, percebe-se também que estes se modificam e outros surgem de acordo com a necessidade da sociedade, pois

Com a nova cultura eletrônica cristalizada na sociedade, por exemplo, outros gêneros apareceram como transmutações de gêneros já existentes, sendo arriscado tentar classificá-los, por seu caráter de flexibilidade – sobretudo àqueles provenientes do uso das tecnologias nas relações de saber. Temos os chamados “gêneros digitais” ou “emergentes” (BRITO & SAMPAIO p. 297).

Para a corrente baktiniana, os gêneros discursivos estão intimamente ligados ao processo sócio comunicativo na qual a linguagem é constituída por seus falantes. Assim é necessário considerar os aspectos sociais, geográficos, cognitivos do educando, pois segundo Bakhtin (2011) os gêneros discursivos originam-se mediante um processo de interação social em uma situação comunicativa. Por isso, o processo linguístico que se materializa pelas enunciações deve ser sempre considerado.

O autor postula também que, além de heterogêneos, os gêneros podem ainda ser classificados em primários e secundários. Os gêneros primários abarcam a gama de gêneros que usamos no nosso dia-a-dia para nos comunicar, são os gêneros espontâneos realizados na esfera íntima de interação social. A carta, a conversa ao telefone, a lista de compras são exemplos desses gêneros. Os gêneros secundários são aqueles que são discutidos, apresentados, aprendidos no ambiente escolar e que tem uma característica formal. Seminário, palestra, romance, conto

exemplificam esses gêneros. Um gênero, então, bakhtinianamente pode ser caracterizado quanto à forma (possui uma forma estável de composição); quanto ao conteúdo temático e estilo.

Outros autores também discutem a noção de gênero o que culminou em duas vertentes teóricas sobre o tema: gêneros do discurso ou gêneros discursivos (Bakhtin e seu Círculo) e gêneros de texto ou gêneros textuais (Bronckart e Adam). Quanto à classificação há outros que divergem dessas classificações, como Maingueneau (2008) e Fairclough (2001) que consideram o evento discursivo como um texto na prática social.

As diferenças entre as duas vertentes se referem ao objeto de estudo de cada uma. Os gêneros discursivos se pautam na situação de produção, ou seja, o discurso, enquanto que os gêneros textuais se preocupam com a estrutura do texto. Porém, mesmo aparentemente dicotômicos são ângulos que se complementam, pois o discurso é concretizado no texto.

1.2 Correntes Teóricas que enfatizam os Estudos sobre Gêneros em uma Abordagem Semiótica

As discussões a respeito dos gêneros ganharam força no século XX e estudiosos de variadas áreas do conhecimento puseram-se a pensar sobre o conceito de gênero. Diante disso, Meurer, Bonini e Motta-Roth organizaram no livro *Gêneros: teorias, métodos, debates*, artigos que focam essas questões. Para um melhor entendimento os autores dividiram, apenas didaticamente, esses trabalhos em três abordagens teóricas: sóciossemióticas, sócioretóricas e sóciodiscursivas.

As sóciossemióticas tem como base a teoria sistêmica, análises críticas e da teoria textual com os trabalhos e aportes teóricos de Hasan, Martin, Fowler, Kress e Fairclough. As sócioretóricas utilizam “a teoria do texto e as posições etnográficas acerca do discurso” (BONINI; MEURER; MOTTA-ROTH, 2005, p. 9) com os estudiosos Swales e Miller. As sóciodiscursivas focam a análise do discurso, teoria dos textos e teorias enunciativas com os pesquisadores Bakhtin, Adam, Bronckart e Maingueneau. Todas utilizam o prefixo “sócio” pelo caráter social comum a todos os estudiosos, pois compreendem o gênero como produto social.

As abordagens sóciossemióticas ao qual nos detemos neste trabalho consideram a linguagem como uma semiose, ou seja, um conjunto de signos que extrapolam a análise escrita

em que outros elementos inclusive não verbais devem ser considerados. Por isso, apresentamos os conceitos-chave de cada autor para traçar um perfil do gênero nessa perspectiva semiótica.

Hasan aponta “a linguagem como um sistema de significações que medeia a existência humana” (HEBERLE; MOTTA-ROTH, 2005, p. 13), ou seja, é importante discutir as relações entre a linguagem e seu contexto de uso e “se dedica a investigar o componente semântico e o modo como sua realização linguística varia”. (idem)

Martin traz uma perspectiva teleológica em que une o conceito bakhtiniano com a relação texto-contexto de Hasan que culmina em uma definição de gênero “como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos” (VAN JR e LIMA-LOPES, 2005, p. 29). Esses estudos fazem parte da Escola de Sidney com um enfoque sistêmico-funcional.

A principal contribuição desta teoria é a ampliação dos conceitos postulados por Hasan com a instauração do conceito de instanciação:

Na segunda perspectiva, defendida por Martin (2000:1992), o registro funciona como uma forma de instanciação do gênero, o que equivale a dizer que o registro, organizado de acordo com escolhas no nível do campo, das relações e do modo, reflete a diversidade metafuncional no nível da linguagem materializada pela léxico-gramática, ao passo que o gênero o faz no nível dos processos sociais. Martin (2000^a) considera a cultura como um sistema de gêneros e, portanto, de processos sociais. [...] (VAN JR e LIMA-LOPES, idem, p.34).

Fowler postula sua teoria da linguística crítica influenciada pelo modelo funcional de Halliday, porém com uma grande diferença conceitual. Enquanto Halliday entende que o uso da língua é feito de forma individual, Fowler considera a língua como determinada pelo meio social e, portanto as metafunções idealizadas por Halliday “são conjuntos de opções sociais, e não áreas de escolha pessoal privilegiada” (IKEDA, 2005, p. 55).

Fowler destaca que a transitividade proposta por Halliday na metafunção ideacional é extremamente importante para a linguística crítica, pois é “a base da representação” (IKEDA, 2005, p. 55). O principal foco da linguística crítica é a interpretação crítica de textos observando a influência do meio social na escolha e representação dos gêneros textuais.

Gunther Kress apresenta o gênero como um recurso representacional em que afirma que este deve ser analisado não só no aspecto verbal, mas também os não-verbais que o constituem. Esta abordagem discursivo semiótica revoluciona por, ao contrário das outras teorias que se atem apenas aos aspectos verbais, se propõe a estudar os diferentes sistemas de signos usados na construção de sentido (BALOCCO, 2005).

E, finalmente, Fairclough destaca o gênero como uma convenção estável associado e que realiza um tipo de atividade socialmente aprovado. “Cada gênero, portanto, ocorre em determinado contexto e envolve diferentes agentes que o produzem e consomem (leem e interpretam)” (MEURER, 2005, p.82).

Percebemos, então, que mesmo com definições diferentes todos enfocam o aspecto multimodal inerente a todo e qualquer texto.

1.3 Letramento Visual, Multiletramento e Multimodalidade

Falar em letramento implica lembrar que atualmente se admite a pluralidade deste termo visto que diante das novas tecnologias inserem-se no cotidiano diversas linguagens. A era tecnológica impulsionou grandes mudanças, inclusive no plano linguístico, pois

A noção de letramento como habilidade de ler e escrever abrange todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existentes em nossa sociedade. Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser alguém capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem (DIONÍSIO, 2011, p. 137-138).

Dessa forma, a imagem e a palavra estreitam cada vez mais as relações, e a combinação imagem mais palavra está sendo usada frequentemente em variados gêneros. Este estreitamento de relações acarreta uma sociedade permeada por elementos multimodais, ou seja, as mensagens são construídas com elementos verbais e não verbais.

Estes novos aparatos que se inter-relacionam constroem novas linguagens, o leitor contemporâneo, por sua vez, se vê envolvido em um emaranhado de imagens, sons, movimentos, cores, escrita que associados alteram o conceito de letramento fazendo surgir o de multiletramento. Multiletramento, então se refere à capacidade de interpretar, correlacionar e compreender mensagens provenientes de textos compostos por diferentes sistemas de linguagem, em outras palavras multimodais.

Também o conceito de multimodalidade surge a partir da constatação dos diversos letramentos inseridos na sociedade. Como aponta Dionísio

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONÍSIO, 2011, p. 139).

Percebe-se que a multimodalidade não está presente apenas nas artes visuais, mas também no texto escrito ou falado, pois para que haja uma comunicação efetiva será atrelado à linguagem verbal elementos não verbais que ora auxiliam ou completam ora são eles próprios o cerne da compreensão.

Assim, a fotografia, especialmente a documental, tem um caráter multiletrado e multimodal e necessita ser estudada na escola. Ela está presente em todo lugar. No álbum de família, na propaganda da revista, no livro didático, na televisão, enfim a todo o momento nos deparamos com este gênero.

Entretanto, a escola, lugar social de disseminação de saberes, simplesmente ignora o potencial interpretativo que a envolve e ignorando também os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da educação básica:

utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (PCNs, p. 7,8 – grifos nossos).

É comum nos livros didáticos, a fotografia ser utilizada como mera ilustração de algo que está verbalmente escrito. Contudo, os estudos semióticos apontam para a necessidade da aprendizagem no âmbito do letramento visual, pois

Lemke (2000: 269) ressalta que multiletramentos e gêneros multimodais podem ser ensinados, mas é necessário que professores e alunos estejam plenamente conscientes na existência de tais aspectos: o que eles são, para que eles são usados, que recursos empregam, como eles podem ser integrados uma ao outro, como eles são tipicamente formatados, quais seus valores e limitações (DIONÍSIO, 2005, p. 149).

É nítida a necessidade de atividades voltadas para o letramento visual visto que os materiais didáticos cada vez mais utilizam gêneros multimodais, todavia não trabalham com os elementos não verbais que os compõem. Como aponta Ferreira e Costa

Produzir e instigar a visualização de fotografias é trazer ao senso comum imagens que, embora cotidianas, não chegam a todos e, portanto, passam distantes da realidade de quem não as vivencia. Desse modo, além de diminuir a distância entre as comunidades, a fotografia tende a aproximar os olhares (FERREIRA; COSTA, p. 218).

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: O GÊNERO FOTOGRAFIA

Neste capítulo continuamos a abordar aspectos teóricos focando o gênero fotografia e seu subgênero fotografia documental. No item 2.1 trazemos um breve percurso histórico sobre o surgimento e expansão da fotografia, mostrando a evolução que essa manifestação artística sofreu: de mera retratação da realidade para interpretação, compreensão e documentação da realidade. No 2.2 apresentamos o subgênero fotografia documental e o precursor desse tipo de fotografia no Brasil: Sebastião Salgado.

2.1 Breve percurso histórico.

Desde os primórdios, a imagem tem sido importante para o registro, memória e cultura de um povo. Os estudos sobre a imagem revelam que para a cultura humana tem uma função bem mais complexa que para os outros animais pois

Além de reconhecer amigos e inimigos, de diferenciar presas de predadores, de situar os seres num espaço de onde podem entrar e sair, as imagens mentais que obtemos de nossa relação com o mundo podem ser armazenadas, constituindo nossa memória, podem ser analisadas pela nossa reflexão, e podem se transformar numa bagagem de conhecimento, experiência e afetividade. E mais, desenvolvemos técnicas que nos permitem expressar todo esse movimento interno, mental e subjetivo através de outras imagens, estas criadas por nós. Desenhos, pinturas e esculturas permitem que compartilhemos com os outros as emoções e sentimentos despertados na nossa relação com o mundo (COSTA, 2013, p. 29).

Diversos estudiosos apontam três processos envolvendo a captação de imagens. O primeiro se refere à percepção visual, ou seja, o processo de captação de imagens na retina do indivíduo e é chamada de imagem/visão. O segundo, ao armazenamento de uma imagem na memória – imagem/pensamento - “constituem as imagens mentais que abstraímos do mundo e que formam nossa história, nossa subjetividade” (COSTA, 2013, p. 29-30). O terceiro tipo de imagem é aquele produzido por nós para comunicar algo – imagem/texto.

Esse terceiro processo de imagem pode ser dividido em duas categorias: a primeira abarca as imagens tradicionais em que o processo de produção é a partir de técnicas artesanais que utilizam instrumentos “que apenas facilitam ou potencializam a expressão do autor, tais como o pincel, o buril, a sapatilha de balé, o lápis, os instrumentos de percussão” (COSTA, 2013, p. 30).

A segunda categoria compila as imagens técnicas em que o processo produtivo utiliza equipamentos sofisticados que interferem na composição da imagem como a fotografia, o cinema e as imagens digitais.

Nesse ínterim, a fotografia se insere no ambiente social como uma manifestação, por vezes artística, quando no editorial de moda, por exemplo, mas também permite reconhecer elementos, pensamentos, visões de mundo de que faz parte o homem contemporâneo.

Se as primeiras imagens mostravam um tipo de homem e de sociedade elementares, a fotografia, por sua vez, filha das evoluções óticas e revoluções sociais que emergiam de novo sistema político e econômico do século XIX, o capitalismo, reproduzia um novo tipo de homem, que era, agora, produtor e produto social, ao mesmo tempo (CÂMARA, p. 24).

Pressionados pela necessidade de registrar e colher informações visuais da realidade, algo que já acontecia na pintura, criou-se a câmera obscura – ambiente totalmente escuro com um pequeno orifício – como suporte para a perspectiva. Só depois quando ao orifício foi acoplado um sistema óptico as câmeras passaram a ser portáteis recebendo o nome de Câmara óptica ou Câmera fotográfica.

Entretanto, esses aparelhos se referiam ao processo de captura da imagem. Os processos de revelação delas tiveram início com as pesquisas do fotógrafo francês, radicado no Brasil, Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879) que “mediante processos químicos que ele próprio designou de *photographie*, sendo o primeiro a usar o termo *fotografia*”. (CÂMARA, 2010)

Oficialmente, porém, o termo fotografia é de mérito de François Arago, astrônomo e deputado francês, quando apresentou o daguerreótipo – um instrumento criado por Louis Daguerre que permitia a revelação da imagem. Depois houve um aperfeiçoamento do processo em que o inglês Fox Talbot criou um sistema que permitiu várias cópias com um único negativo.

Com as revoluções tecnológicas do século XIX o processo fotográfico ficou mais simples – as máquinas ficaram menores e mais leves, o registro da imagem que antes chegava há cinco minutos ficou mais rápido, com a captação também de corpos em movimento, até que finalmente tornaram-se portáteis. Mas foi George Eastman que realmente revolucionou a indústria fotográfica com a criação da Kodak, máquina pequena, portátil com um rolo de negativo e um botão obturador que permitia ao fotógrafo “bater a foto”. Desde então várias máquinas foram lançadas sempre com aperfeiçoamentos que levaram a inserção de câmeras de alta resolução também em celulares que culminaram na popularização do ato de fotografar.

2.2 Sebastião Salgado e a Foto Documental: o *corpus* em foco.

Na atualidade, a fotografia se insere como importante gênero de memória e há uma vertente fotográfica que busca através de suas lentes não só mostrar, mas também e, principalmente, denunciar e documentar problemas e mazelas sociais – a foto documental. Esse aspecto documental aborda o tipo de imagem-texto que tem por objetivo denunciar ou mostrar aspectos relevantes da vida social com o intuito de provocar reflexão e crítica.

O fotodocumentarismo iniciou-se no final do século XIX e consolidou-se no início do século XX. Por vezes confundida com o fotojornalismo, a fotografia documental se caracteriza por uma escolha e planejamento prévio de um conjunto de imagens que ligadas a um tema utiliza uma narrativa fotográfica para contar histórias (FERREIRA; COSTA, 2009).

Documentary, derivada de documentaire e depois aportuguesada para documentário foi bastante utilizada no cinema para qualificar certos tipos de filme. John Grierson foi o primeiro a utilizar este termo, pois “acreditava que os documentários deveriam educar uma geração que se encontrava despreparada para discutir questões que desafiavam a sociedade moderna” (LOMBARDI, 2007, p. 33).

Transportado para a fotografia esse aspecto documental Lombardi (2007) aponta

Queremos pensar a fotografia documental como um conjunto de imagens que forma uma narrativa cujos traços indiciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo. Desse modo, qualquer objeto ou situação pode ser representado esteticamente de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo. Apesar de manter uma relação com seu referente, a fotografia documental não se restringe apenas ao registro: ela busca, sim, o domínio do visível, porém, sem deixar de lado os valores estéticos. Chamamos de documental o trabalho fotográfico que começa a ser desenvolvido a partir de um projeto elaborado, que requer algum tipo de apuração prévia, estudo, conhecimento e envolvimento com um tema. A fotografia documental se refere, portanto, a projetos de longa duração, que não sejam apenas o registro momentâneo e de passagem sobre determinado assunto (LOMBARDI, 2007, p. 35).

O fotodocumentarismo tem três fases: a primeira, o nascimento dessa vertente fotográfica com a contribuição de John Thomsom, Jacob Hiis e Lewis Hine que utilizaram a imagem como meio de denúncia social; a segunda, em que há uma inversão de valores, pois após a Segunda Guerra Mundial os fotógrafos se preocuparam em apenas retratar o que aconteceu nesse momento e a “fotografia perdeu força enquanto “meio” e passou a ser adotada como “fim”. E a terceira fase contemporânea em que se resgata o sentido da fotografia como meio de não só denunciar, mas também modificar valores da sociedade, tendo como principal expoente o brasileiro Sebastião Salgado.

Na primeira fase, John Thomson é quem dá os primeiros passos a esse tipo de fotografia em que registrou os temas relacionados ao homem, seu espaço e as mazelas sociais sofridas pela população mais pobre. Ao publicar, em 1862, *Street Life in London* (A vida nas ruas de Londres) - fotografias com textos explicativos - procurou trazer à tona a situação precária da vida londrina.

Outros dois fotógrafos também são importantes para a consolidação da foto documental, Jacob Hiis e Lewis Hine, este último considerado o mais importante, pois utilizou suas fotografias “como “meio” de transformações sociais. Por meio delas, denunciou a exploração da mão-de-obra nos Estados Unidos, e contribuiu para melhorias nas condições de trabalho” (BONI, 2008, p. 2).

A segunda fase é marcada pelo surgimento das agências de notícias que tinham preocupação apenas de informar o que acontecia ao redor do mundo.

A terceira fase retoma a preocupação com as mazelas sociais e busca não só documentar como também denunciar e, principalmente, discutir os problemas e as intempéries pelos quais passam a camada mais pobre da população.

Nesta perspectiva, o renomado Sebastião Ribeiro Salgado se insere no cenário nacional e internacional como um dos mais célebres fotógrafos pelo trabalho desenvolvido com imagens de variadas regiões do mundo assoladas por graves problemas sociais, dentre eles a África e, claro o Brasil.

Nascido em Aimorés, Minas Gerais em 8 de fevereiro de 1944 o fotógrafo, antes economista decidiu seguir carreira durante uma viagem a África, onde coordenava um projeto sobre a cultura do café em Angola. Realizou diversas viagens pela Europa e América Latina.

Documentou as condições de vida da população dos lugares por onde passava. Entre 1986 e 1992 produziu a série *Trabalhadores*, em que documentou o trabalho manual e as árduas condições de vida dos trabalhadores em várias regiões do mundo. Em 1994, criou sua própria empresa: a Amazonas Imagens. Em 1997 documenta a pobreza e a questão agrária no Brasil. Ganhador de vários prêmios internacionais o famoso fotógrafo é reconhecido pela sua documentação imagética das mazelas de um povo.

Ele utiliza uma técnica interessante em que todas as suas fotografias são em preto e branco. A ausência de outras cores implica em colocar em foco a situação retratada sem que haja o desvio de atenção daquilo que é importante na imagem, pois o que se deseja é que toda concentração seja na situação em si, é o impacto do momento retratado.

Seu acervo então servirá como *corpus* de pesquisa mediante as metafunções propostas por Kress e van Leeuwen bem como farão parte da proposta pedagógica aplicada à sala de aula.

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Neste capítulo apresentamos os princípios teóricos da Gramática do Design Visual propostos por Kress e van Leeuwen (1996) que apontam para conceitos basilares focados em nossa pesquisa: os efeitos de sentidos provocados pela linguagem não-verbal visual e a educação visual como ferramenta de inclusão e denúncia social. Na seção 3.1 apresentamos a origem e pressupostos da teoria da Gramática do Design Visual. Nas seções 3.2 a 3.4 explicamos as metafunções exemplificadas pelas fotografias de Sebastião Salgado.

3.1 GDV : pressupostos da teoria

Nossa sociedade ocidental sempre priorizou a linguagem verbal, entretanto a linguagem não-verbal ganha um significativo destaque mediante as inovações, principalmente tecnológicas que norteiam o mundo atual. Essas imagens passam, então, de mera função ilustradora de um texto para tornarem-se protagonistas dos efeitos de sentidos provocados no leitor/apreciador/visualizador.

Amplamente utilizadas pela propaganda, percebemos que a linguagem imagética supera muitas das vezes o sentido veiculado verbalmente remontando ao célebre provérbio chinês “uma imagem vale mais que mil palavras”. Sendo assim, vários estudiosos voltaram sua pesquisa para essa área tão carente de atenção.

Surge então a semiologia - área que investiga os variados sentidos presentes nos textos, observando com especial atenção os aspectos não-verbais. Os semiologistas buscam reconhecer os sentidos presentes nesse tipo de linguagem. Gunther Kress e van Leeuwen baseados na Gramática Sistêmica de Halliday, adaptam essa teoria para o foco do estudo da imagem, criam a Gramática do Design Visual (GDV) e despontam como os maiores estudiosos dessa área na contemporaneidade.

A GDV surge em 1996 e parte do pressuposto de que se na linguagem verbal há uma gramática, ou seja, uma série de elementos identificáveis e organizados em uma estrutura que permite o entendimento, também a linguagem imagética obedece a certas “regras” desmistificando a ideia de algo aleatório e desprendido de sentido ou pior que o sentido só possa

ser empreendido quando uma imagem estiver atrelada a um texto servindo apenas como ornamentação do mesmo. Dessa forma, seus autores, segundo Almeida (2012), apontam que a imagem tem três funções básicas que simultaneamente estabelecem relações de sentido por meio da interação entre os participantes na imagem; a interação entre imagem e leitor; e, os elementos que compõe a imagem, denominadas metafunções. As metafunções são representacional (representação do mundo), interacional (construção de relações interativas) e composicional (relações de significado a partir dos elementos que a compõem). Ao explicar em detalhes cada uma dessas metafunções utilizaremos, quando possível, fotografias do acervo de Sebastião Salgado que farão parte do material utilizado na metodologia.

3.2 Metafunção representacional

Esta função engloba os seres participantes representados da imagem: humanos, animais, objetos, etc e o modo como eles se relacionam para representar as experiências de mundo. Esta metafunção é subdividida em: narrativa e conceitual.

➤ **Representação Narrativa:** quando a imagem sugere ações sendo executadas. Nesse caso há os processos de ação transacional, não transacional e bidirecional; processo de reação transacional e não transacional; processo verbal e processo mental:

Ação Transacional: Há a presença de mais de um participante: aquele que realiza a ação (*ator*) direcionada por meio de um *vetor* (linha imaginária que liga os participantes) àquele que recebe a ação (*meta*).

Observamos na foto 1, que há um participante que segura as mãos da senhora indicando consolá-la, já que a expressão facial dela denota sofrimento. Outro participante também levanta sua mão para acarinhá-la dando também à ideia de conforto e, outro, ainda, segura a cabeça da mulher, pois toda a cena demonstra a ação de consolar uma pessoa em sofrimento.

Foto 1 - A luta pela terra: a dor da mãe do jovem Oziel²



Fonte: Sebastião Salgado

Ação não transacional: há apenas um participante e sua ação não se direciona a nada nem ninguém, ou seja, não existe uma meta.

Ação bidirecional: os participantes praticam ações simultâneas. Observem na foto 2 que o soldado aponta a arma para o homem desarmado, porém ele segura a arma e se coloca em posição de combate. Temos então ações simultâneas de ameaça e combate.

Foto 2



Fonte: Sebastião Salgado, 1999.

Reação transacional: Ainda nesse processo temos o processo em que a ação envolve o olhar, temos então a reação. Tem-se então aquele que olha o *reator*, o traço imaginário que indica a direção do olhar – o *vetor* e aquele que é o objeto do olhar – o *fenômeno*.

² Todas as fotografias aqui ilustradas foram retiradas da internet nos links:
https://www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao+salgado&biw=1366&bih=667&noj=1&tbm=isch&tbid=0CB0QsARqFQoTCI_Znc6zzccCFQofkAodh8wMNQ e também no site
<https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>

Reação não transacional: não aparece aquilo ou aquele que é olhado. Na foto 3 temos três crianças que descansam a beira da estrada e olham para algo. Cada uma delas olha para uma direção e em nenhuma delas conseguimos identificar o alvo do olhar.

Foto 3 - A luta pela terra: crianças às margens da rodovia



Fonte: Sebastião Salgado, 1997.

Processos verbais e mentais: visualmente representados por balões de fala e pensamento. Quando for balão de fala temos aquele que diz como *dizente* e o que diz *enunciado*. Quando o balão for de pensamento temos aquele que pensa como *experienciador* e o que se pensa o *fenômeno*. Para simplificar, observem o quadro abaixo:

Quadro 1 - Representações narrativas

AÇÃO	REAÇÃO	VERBAL	MENTAL
Participantes que praticam ações: ator – vetor – meta	Participantes que olham para algum lugar: reator - vetor - fenômeno	Balões de fala:	Balões de pensamento:
Transacional	Transacional	Dizente	Experienciador
Ator → Meta	Reator → Fenômeno	(quem diz)	(quem pensa)
Não transacional	Não transacional	Enunciado	Fenômeno
Ator → ?	Reator → ?	(o que se diz)	(o que se pensa)
Bidirecional			
Ator ↔ Meta			

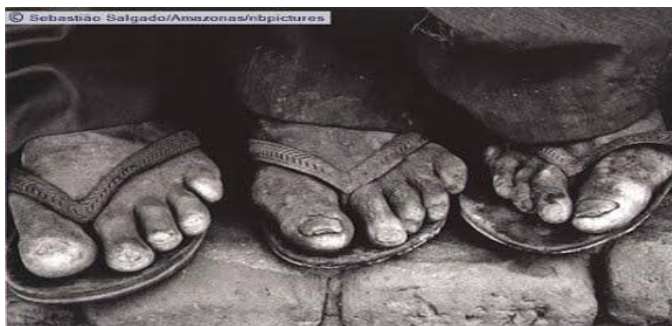
Fonte: Elaborado pela autora baseado em ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. et al. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.

➤ **Representação Conceitual:** esta função se refere à imagens estáticas e ocorre por meio de três classificações: analíticas, simbólicas e classificacionais.

Analíticas: as relações entre os participantes se dá mediante a parte pelo todo. Podem ser “(1) *estruturadas*, quando apresentam descrições sobre as partes e (2) *desestruturadas* quando a relação entre a parte e o todo não está explícita”. (ALMEIDA, 2012).

Observemos na foto 4 que a imagem de pés sujos, mal cuidados e em sandálias baratas enfatizam a pobreza dos trabalhadores da terra (informação explícita na legenda), entretanto se configura como uma relação analítica desestruturada pois não aparece outros elementos que descrevam essa pobreza.

Foto 4 – Os pobres trabalhadores da terra



Fonte: Sebastião Salgado, 1983.

Simbólicas: “se referem ao que o participante significa ou é.” (MACHADO, 2013). Estes processos podem ser de dois tipos: “(1) *Atributivo*, no qual o atributo do participante é salientado por meio de seu posicionamento dentro da imagem, tamanho exagerado, iluminação, nível de detalhamento, foco, tonalidade e/ou intensidade de cor. (2) *Sugestivo*, no qual o significado simbólico advém do próprio portador” (ALMEIDA, 2012 apud Unsworth, 2001, p. 92).

Classificacionais: há uma organização simétrica de objetos, pessoas e lugares obedecendo a uma taxionomia hierárquica em que há um superordinado que se relaciona a um subordinado sem a presença de vetores. Quando a relação é suprimida temos a relação *coberta* (*covert*) e quando é explícita temos a relação *evidente* (*overt*) (ALMEIDA, 2012, p. 308). Na foto 5, abaixo, percebemos essa classificação evidente ao termos uma criança no alto da cadeira e a ela relacionadas as outras crianças que dormem, parece uma crítica às creches que colocam as crianças para dormir. Apesar de aparentemente aleatórias a disposição das crianças no chão enfatiza o fato de viverem em instituições sociais à espera de adoção como nos informa a legenda da foto.

Foto 5 - Crianças Abandonadas Nas Instituições Estaduais

Fonte: Sebastião Salgado, 1997.

Quadro 2 – Representações conceituais

Classificacional	Analítico	Simbólico
Taxonomia coberta Relação implícita entre superordinado e subordinado.	Relações estruturadas Apresenta descrições entre as partes.	Atributivo O atributo do participante é salientado evidenciando alguma parte por meio de cores, tamanho, enquadre, etc.
Taxonomia evidente Relação explícita entre superordinado e subordinado	Relações desestruturadas A relação entre as partes e o todo não está explícita.	Sugestivo O significado simbólico advém do próprio portador.

Fonte: Elaborado pela autora baseado em ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. et al. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.

3.3 Metafunção interativa

Investiga a relação entre os PR – Participantes Representados e PI – Participantes Interativos³. Os PR são os participantes retratados na imagem e os PI aqueles que observam, veem, visualizam a imagem. Esta relação é percebida por quatro aspectos: contato, distância, atitude e modalidade.

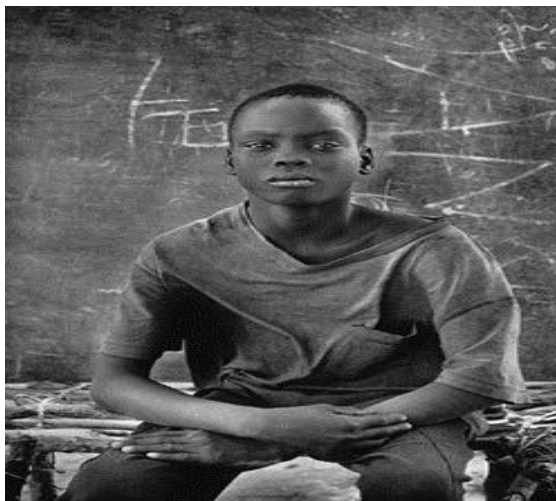
➤ **Contato:** se estabelece através da direção do olhar do PR que pode ser de demanda ou de oferta.

Ao olhar diretamente nos olhos do leitor/observador, o participante representado o ‘convida’ para participar da interação. Trata-se de um *contato de ‘demanda’*. Se, ao contrário, ele ‘se oferece’ como objeto de contemplação e/ou análise, ele estabelece com o leitor um *contato de oferta* (ALMEIDA apud KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

³ No decorrer do texto utilizaremos as abreviaturas PR e PI.

Observemos a foto 6 em que o participante representado, um rapaz negro sentado, olha diretamente para aquele que o contempla que pode ser jovem, velho, criança, etc, passando a sensação de aquele que observa. O participante interativo está sob o escrutínio do ser ali clicado configurando-se em um contato de demanda, pois parece que o PR espera que o PI tome alguma atitude em relação a esse olhar.

Foto 6



Fonte: Sebastião Salgado, 2007.

A foto 7 exemplifica o contato de oferta. A mulher se oferece à contemplação, ao manter o seu olhar voltado para o lado. É também um olhar sofrido e desolado que nos leva a imaginar o sofrimento por ela passado. Sugere então comover o espectador.

Foto 7



Fonte: Sebastião Salgado, 2007.

Na foto 8, por sua vez, há dois participantes representados que estabelecem a relação de contato e demanda na mesma imagem. Um menino aparentando uns nove anos de idade agarrado à cintura de uma mulher que parece ser sua mãe olha frontalmente estabelecendo uma relação de demanda. A mulher, entretanto mesmo com outra criança nos braços, levanta a mão direita passando a ideia de resistência e olha lateralmente para alguém que não aparece oferecendo-se a contemplação do PI constituindo-se um contato de oferta.

Foto 8



Fonte: Sebastião Salgado, 1997

➤ **Distância social:** enfoca a questão do enquadramento que possibilita uma maior ou menor sensação de intimidade com o ser representado. Esse enquadramento pode ser em:

Plano aberto (*long shot*): foca o corpo inteiro – social. A foto 9 enfatiza o aspecto social da imagem, mostrando os PRs de corpo inteiro em uma caminhada que corrobora com a legenda: a ida para outro lugar;

Foto 9 - Migração Rural para as grandes cidades



Fonte: Sebastião Salgado, 1997.

Plano médio (*médium shot*) - exposição do participante até a cintura ou o joelho – pessoal. A criança fotografada (foto 10) nesse foco estabelece um elo com o PI pelo fato de seu corpo aparentar proximidade;

Foto 10



Fonte: Sebastião Salgado

Plano fechado (*close shot*) focaliza o rosto até no máximo o – íntimo. O fotógrafo na foto 11 utiliza um recurso muito comum do cinema, o close, utilizando o zoom que aproxima o rosto da menina do seu observador estabelecendo uma relação de intimidade.

Foto 11



Fonte: Sebastião Salgado, 1997

➤ **Atitude ou Perspectiva:** refere-se à perspectiva em que a imagem está disposta nos ângulos frontal, oblíquo ou vertical. No **ângulo frontal** aciona-se a intimidade entre PR e PI em que o olhar nivelado do representado com o interativo envolve também a emoção e a relação de poder se coloca como igualitária. No **ângulo oblíquo** o PR está de perfil dá uma ideia de distanciamento. No **ângulo vertical** tem as variantes: baixo, de nível ocular (direto) ou alto, que

assinalam distintas relações de poder. “No ângulo baixo o então inferiorizado. No ângulo direto existe uma posição de igualdade entre o leitor e o PR. No ângulo alto, em que a câmara capta o objeto de cima para baixo, o leitor está em posição de poder” (OLIVEIRA, 2013, p. 11).

Foto 12



Fonte: Sebastião Salgado, 2007

A foto 12 tem dois participantes, nativos da África. À esquerda o PR se coloca no ângulo oblíquo, olhando lateralmente, distanciando-se do PI. Já o da direita se coloca no ângulo frontal encarando e conectando-se com o PI. Quanto ao ângulo vertical, eles se colocam no centro da imagem em uma relação igualitária de poder.

Foto 13



Fonte: Sebastião Salgado, 1982

Na foto 13 temos o exemplo do ângulo alto em que a senhora com as duas crianças estão no alto de um monte e trazem a sensação de poder superior ao PI.

➤ **Modalidade:** apresenta o nível de realidade da imagem, ou seja, refere-se à intensificação do plano real e pode ser sensorial ou naturalista. Quanto mais próxima do real tem-se mais modalidade e quanto menos a modalidade é reduzida. Alguns elementos colaboram para isso

Corroboram para isso, segundo Kress & van Leeuwen (2006), uma alta saturação de cores, ao invés de preto e branco; o uso de cores diversificadas, no lugar de monocromáticas; e cores moduladas. A contextualização da imagem, ou seja, seu plano de fundo também aumenta o valor de modalidade de uma imagem, ao passo que sua ausência a diminui (ALMEIDA, 2012, p. 311).

Na foto abaixo se percebe que o contraste entre o claro e escuro em uma imagem em preto e branco que o aspecto sensorial é mais explorado para provocar emoção naqueles que o apreciam. Representa o modo de vida daqueles que vivem em assentamentos, ressaltando a situação precária.

Foto 14



Fonte: Sebastião Salgado, 1997.

Quadro 3 – Relações interativas

Contato	Distância	Atitude ou perspectiva	Modalidade
Demanda Oferta	Plano fechado	Ângulo frontal	Sensorial
	Plano médio	Ângulo oblíquo	Naturalista
	Plano fechado	Ângulo vertical: baixo, nivelado ou alto.	

Fonte: Elaborado pela autora baseado em ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. et al. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.

3.4 Metafunção composicional

Investiga o layout, a estrutura e a disposição dos elementos na imagem. Divide-se em categorias: valores informacionais (dado/novo/ideal/real); moldura (o modo como os elementos se integram na imagem) e a saliência (elementos mais ou menos salientes na imagem).

➤ **Valor de informação:** a escolha do lado onde a imagem principal será disposta demanda uma preocupação com o sentido que se quer inserir. Desse modo, essa categoria foca as dimensões direita, esquerda, em cima, embaixo da imagem como um todo. À direita e no lado superior tem-se as informações novas – os valores novo e ideal - e à esquerda e no plano inferior as informações conhecidas – valor dado e real. Temos ainda as que se localizam no centro em maior destaque, chama-se central e aqueles que por ventura se localizam nas margens terão uma relação de dependência e subordinação.

➤ **Moldura ou estruturação:** é o modo com os elementos se interligam ou não nas imagens.

➤ **Saliência:** são os elementos dispostos de forma a se destacar na imagem. Através da escolha de cores, luz, técnica de focalização/desfocalização, etc.

Quadro 4 – Metafunção composicional

Valor de informação	Moldura ou estruturação	Saliência
Dado	Interligação	Cores
Novo	Não ligação	Luz
Ideal		Focalização
Real		

Fonte: Elaborado pela autora baseado em ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. et al. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.

Vimos então que a linguagem visual apresenta elementos que se interconectam em um todo significativo. Assim como a linguagem verbal, a visual obedece a regras passíveis de serem identificáveis e estudadas.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Nos capítulos anteriores, detalhamos os fundamentos teóricos dessa pesquisa, com foco na GDV, visando proporcionar o letramento visual em turmas do 9º ano fundamental. Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa com o desenvolvimento da pesquisa, o projeto didático aplicado e os resultados alcançados. Para delinear melhor esse percurso com as fotografias de Salgado, com vista a promover o letramento visual, este capítulo trata da seleção do *corpus*, as ferramentas de análise, os sujeitos, o projeto aplicado, bem como os resultados alcançados.

4.1 Seleção do *Corpus*

Foi utilizado em nosso *corpus* de análise algumas fotos de variados trabalhos do renomado fotógrafo Sebastião Salgado. A escolha de fotos do acervo de Sebastião Salgado não foi casual. Conhecido por documentar os modos de vida enfatizando a condição social ele busca trazer a tona uma reflexão sobre os aspectos sociais que perpassa o mundo e pensando em estabelecer uma interpretação crítica da realidade através da leitura de imagens foi a maior motivação da escolha desse *corpus*.

A seleção das imagens considerou quatro critérios: a) tratar-se de um tipo de foto que busca documentar a realidade; b) essas fotos documentam as mazelas sociais do Brasil e da África; c) a necessidade de se trabalhar a visão crítica dos alunos; d) a necessidade de se trabalhar com algo do dia a dia do estudante: a fotografia.

4.2 As Ferramentas de Análise

As categorias descritivas da Gramática do Design Visual propostas por Kress e van Leeuwen e utilizadas nessa pesquisa estão relacionadas às Metafunções Representacionais e Interacionais. Quanto a metafunção representacional, abordaremos a estrutura narrativa e seus

processos de ação e reação; quanto a metafunção interacional, utilizaremos os recursos de contato e distância social.

4.3 Aspectos Gerais da Pesquisa

A presente pesquisa utilizou-se, no primeiro momento, de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de fundamentação consistente, principalmente em relação aos estudos semióticos com o conhecimento e aprofundamento da Gramática do Design Visual (GDV) para que pudesse analisar, semiologicamente, as fotografias escolhidas. O método mais comum de pesquisa, a pesquisa ou revisão bibliográfica é de fundamental importância para o conhecimento científico visto que “a pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa” (PIZZANI, 2012, p. 54).

Dado que a Gramática do Design Visual é uma teoria relativamente jovem no ambiente acadêmico e, por isso, na maioria dos cursos de graduação desconhecida, a pesquisa bibliográfica foi crucial para a inserção de novos saberes a essa pesquisa. Além disso, foi também importante um aprofundamento teórico em relação sobre o gênero fotografia.

O segundo passo se deu por meio da pesquisa-ação, ou seja, as análises feitas à luz da teoria foram colocadas em prática por meio da aplicação de planos de aula organizadas em um projeto pedagógico que culminou em um caderno pedagógico, contendo explicações simplificadas a respeito da GDV e o passo a passo do projeto pedagógico com orientações para o professor.

A escolha da pesquisa-ação se deu pelo caráter prático do Mestrado Profissional tendo em vista que o foco é transformar em atividades pedagógicas a teoria estudada.

Considerou-se também que a ação comunicativa é a base da pesquisa-ação, pois há uma relação direta entre pesquisador e o grupo com o intuito de o pesquisador colocar-se como facilitador do processo de aprendizagem e o grupo poderá também intervir nesse processo. Esse processo de aprendizado terá então um caráter flexível, pois muitas vezes o facilitador se deparará com situações em que deverá tomar medidas urgentes podendo ser diferente daquilo que havia programado. Nesse ínterim, se configura como uma aprendizagem realmente contínua e processual, pois as diferentes situações do cotidiano escolar, a receptividade, ou possível desinteresse dos participantes, nortearão a reformulação ou não do projeto didático proposto.

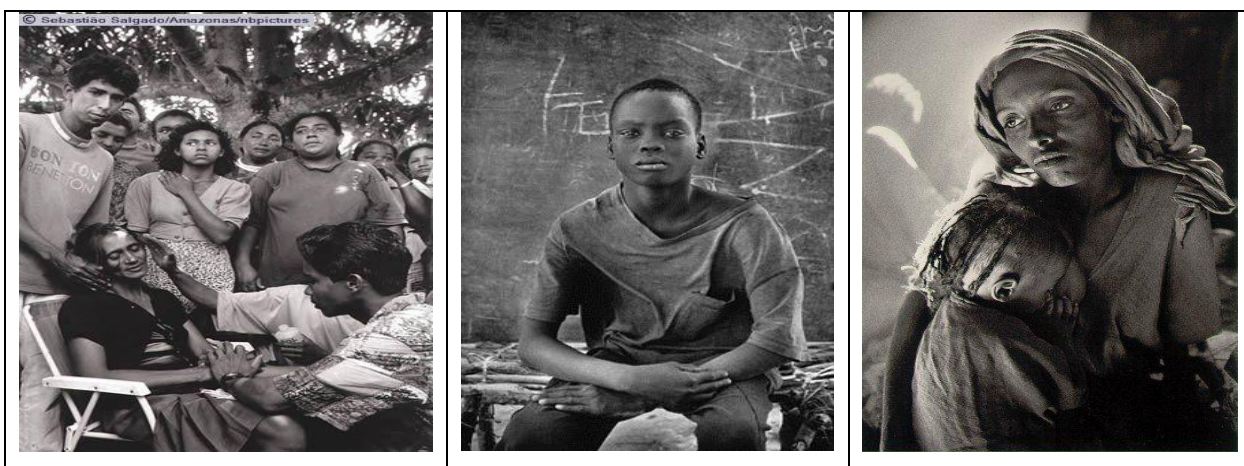
Outro fator preponderante foi o fato de que o processo de pesquisa-ação ter como objetivo produzir transformações de sentido, ressignificações, utilizando a reflexão para que o participante gradualmente se aproprie das mudanças, principalmente em perspectiva como sujeito atuante na sociedade. Foi pensando nesse processo contínuo e processual que escolhemos como ferramenta pedagógica o projeto didático por perceber que necessitaríamos de um tempo maior para a pesquisa.

Para o desenvolvimento deste estudo, os instrumentos de coleta selecionados foram a aplicação de questionário e a observação espontânea, sistemática e participativa. Nesse sentido, busca-se, inclusive, além de quantificar, analisar determinadas ocorrências as quais, partindo do método indutivo, comporão a descrição e a análise dos dados coletados.

Diante dessa proposta metodológica, será detalhado a seguir o processo metodológico utilizado, de forma a ilustrar os caminhos percorridos e seus resultados.

4.4 Procedimentos Metodológicos

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico a respeito da GDV e sobre os estudos de gênero para aprofundar os conhecimentos teóricos e para embasar a proposta didática. O estudo sobre a GDV foi preponderante para a escolha do *corpus* fotografia que elucidou os aspectos passíveis de análise em uma imagem. Assim chegamos as seguintes imagens para a proposta metodológica especificamente:





Fonte: <https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>

Porém, outras imagens também ilustraram a teoria da GDV tanto no capítulo teórico quanto no caderno pedagógico. As fotos acima foram analisadas no caderno pedagógico para que o professor pudesse compreender plenamente a teoria e também foi utilizada com os alunos analisando-as de acordo com a metafunção representacional narrativa com os processos de ação e de reação; e a metafunção interacional enfatizando os aspectos de contato e distância social.

Feita a análise orientada pela GDV parte-se para a proposta pedagógica em que se escolheu a ferramenta pedagógica Projeto Didático composto por três etapas assim divididas: a primeira etapa com cinco aulas; a segunda etapa com sete aulas; e a terceira etapa com 5 aulas com o objetivo de analisar imagens criticamente e ao final montar sua própria exposição fotográfica. Esse Projeto Didático vem acompanhado de um caderno pedagógico planejado e organizado para auxiliar o professor em sua prática docente, e foi projetado para aplicação no 9º ano do CMA – Colégio Municipal de Andorinha, no turno vespertino, durante três semanas de envolvimento participativo dos sujeitos.

4.5 A Escola e os Sujeitos

4.5.1 A escola

O projeto didático foi aplicado na unidade escolar Colégio Municipal de Andorinha, localizado na cidade de Andorinha, em uma turma de 9º ano, turma C, turno vespertino. A ideia inicial era aplicar o projeto na unidade escolar Instituto de Educação Monte Santo na cidade de Monte Santo, entretanto por causa de uma greve dos professores em que se suspenderam as aulas

não houve possibilidade e como trabalho também no município de Andorinha resolvi aplicar a proposta no Colégio Municipal de Andorinha.

O Colégio Municipal de Andorinha é o maior da cidade e comporta aproximadamente 800 alunos funcionando nos três turnos: matutino e vespertino do 6º ao 9º ano e no noturno curso técnico e o programa Universidade para todos. Possui um quadro docente com aproximadamente 20 professores.

Possui uma estrutura física de: 10 salas de aula, 1 biblioteca, 1 sala de informática, 1 cantina, 1 sala de professores, 1 sala de direção, 1 sala de esportes, 1 pátio, 1 sala de secretaria, banheiros feminino e masculino para os alunos, banheiros feminino e masculino para professores e funcionários, 2 almoxarifados, 1 quadra poliesportiva.

Quanto aos recursos multimídia tem-se: 1 notebook, 2 data shows, 1 televisão 32", 1 DVD, 2 caixas de som. Vê-se que dispomos de poucos materiais visto que são de uso coletivo mediante agendamento.

Quanto às regras gerais da instituição o uso de celulares não é permitido, exceto quando o professor utilizá-lo pedagogicamente sendo necessária prévia autorização dos gestores escolares, aos quais foi solicitado permissão para o desenvolvimento da pesquisa.

4.5.2 Os sujeitos

A maioria dos alunos do diurno é da zona rural enquanto que no turno noturno são da sede da cidade e já concluíram o Ensino Fundamental, por isso a pesquisa foi aplicada em uma turma do 9º ano vespertino com 25 alunos, sendo 8 do sexo masculino e 17 do sexo feminino.

Com relação ao desempenho apresentam um rendimento satisfatório visto que acompanham as atividades e respondem positivamente ao que é proposto. Quanto ao comportamento são bastante barulhentos e ativos, mas não desrespeitosos, no momento da explicação e execução das atividades o fizeram sem causar problemas.

A maioria é proveniente de várias partes rurais do município, porém grande parte da turma possui celular ou câmera fotográfica digital (conforme levantamento através de questionário). Itens indispensáveis à execução do projeto de pesquisa, aqueles que não tinham o aparelho celular ou câmera fotográfica foram inseridos nos trabalhos em grupo com aqueles que possuíam.

Através do levantamento de dados percebemos o quanto a tecnologia está presente na vida desses alunos, tornando-se importante utilizar esses aparatos tecnológicos como aliados no processo de aprendizagem e proporcionando a utilização destes em algo pedagógico que venha a auxiliar a aprendizagem de nossos alunos.

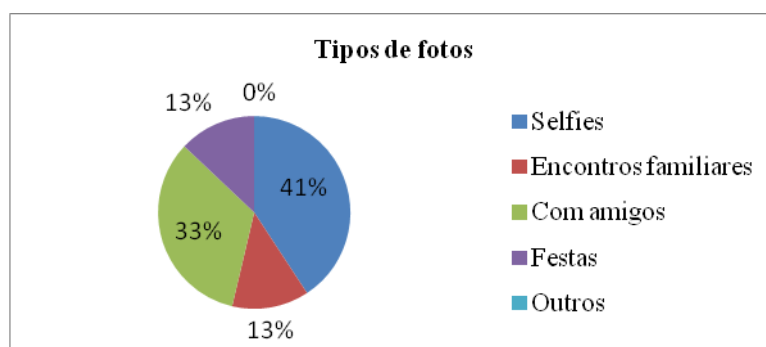
4.6 Detalhamento da execução da Proposta e Análise de Dados

A pesquisa foi dividida em três etapas. A primeira etapa se iniciou com a aplicação de um questionário de sondagem (apêndice 1) visando quantitativamente identificar quantos dos alunos tem celular e/ou câmera fotográfica e qualitativamente como eles utilizam essas ferramentas tecnológicas, ou seja, quais tipos de fotos eles estão acostumados a tirar, de quem, etc.

A pesquisa se deu com 25 alunos, o questionário era composto de 6 perguntas e cada uma tinha um objetivo específico. Ressaltamos que nas perguntas 1, 2, 3 houve mais de uma resposta. Para facilitar a leitura dos dados, falaremos sobre cada questão apresentando o objetivo, os gráficos e a análise dos dados.

1. Qual tipo de fotos você costuma tirar?

() Selfies () encontros familiares () com amigos () festas () outros

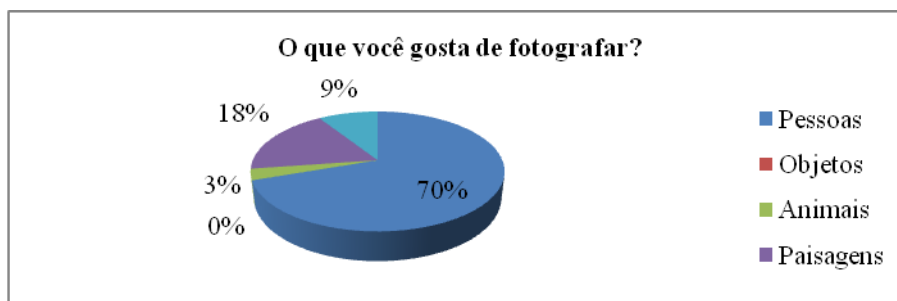


Fonte: Elaborada pela autora

Esta pergunta teve como objetivo identificar qual tipo de fotos eles costumam tirar. O gráfico aponta que a selfie e a foto com os amigos são as preferidas dos alunos e reflete a relação íntima entre a fotografia e os adolescentes. Por isso, usar a fotografia para fins didáticos é uma possibilidade que pode trazer bons resultados.

2. O que você gosta de fotografar?

() pessoas () objetos () animais () paisagens () outros _____

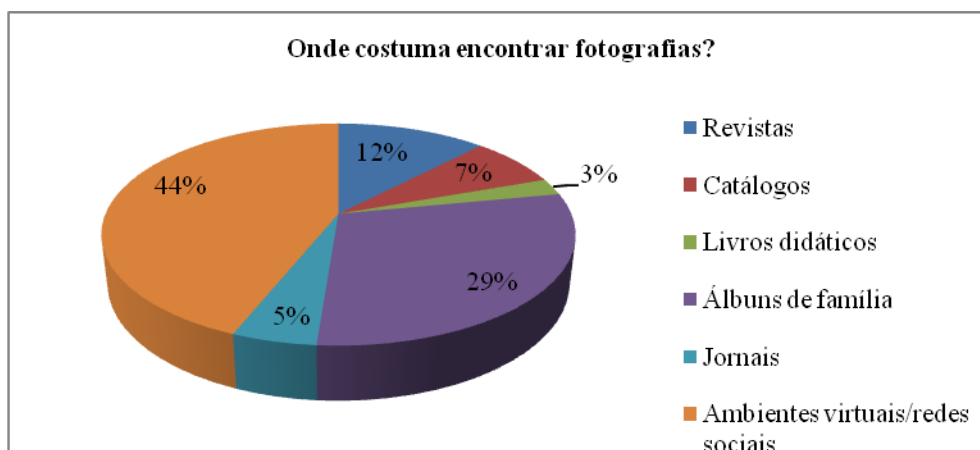


Fonte: Elaborada pela autora

O objetivo dessa pergunta foi identificar o gosto dos adolescentes quanto ao que gostam de fotografar visando também identificar se as fotografias de Salgado que traz imagem de pessoas teria boa aceitação. O gráfico revela que as fotos de pessoas serão bem aceitas, pois gostam muito de fotografar pessoas.

3. Além das tiradas por você, onde você costuma encontrar fotografias?

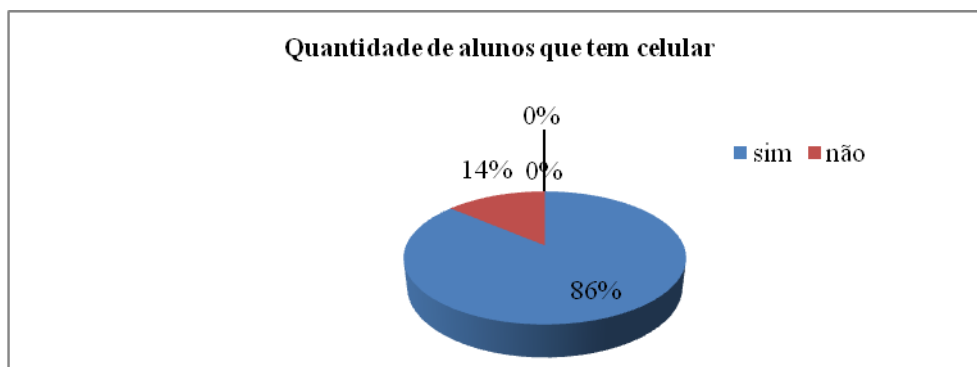
() Revistas () catálogos () livros didáticos () álbum de família
() jornais () ambientes virtuais/ redes sociais () outros _____



Fonte: Elaborada pela autora

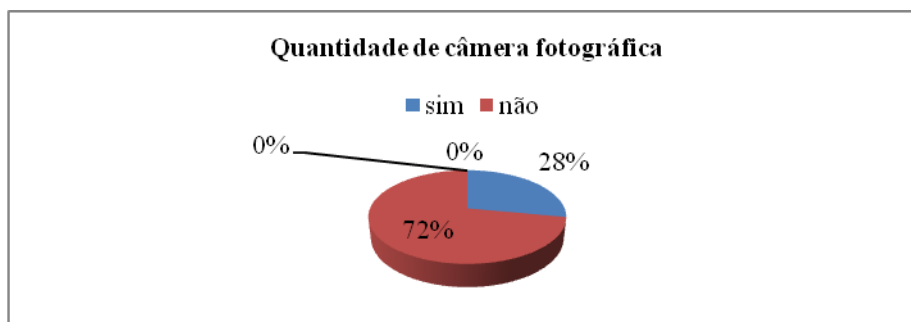
O objetivo com esta pergunta foi identificar o suporte onde é encontrado as fotos a que eles têm acesso e confirmamos que é na internet que eles têm maior contato com o gênero, mas observamos também que há uma variedade de suportes a que os alunos têm acesso.

4. Você tem celular com câmera? () sim () não



Fonte: Elaborada pela autora

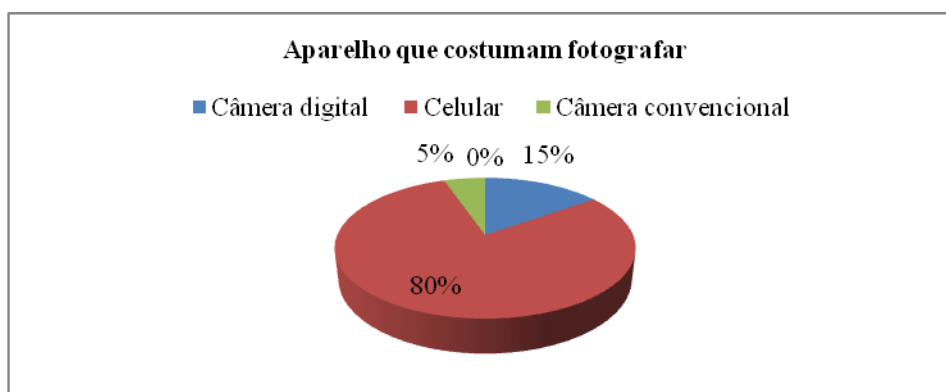
5. Você tem câmera fotográfica? () sim () não



Fonte: Elaborada pela autora

6. Com qual aparelho você costuma fotografar?

() celular () câmera digital () máquina convencional



Fonte: Elaborada pela autora baseado nas respostas do questionário.

As perguntas 4, 5 e 6 tinham o objetivo de saber quantos alunos tinham celular e/ou câmera digital para saber se havia possibilidade de realizar a proposta. Após o teste de sondagem confirmamos o que já sabíamos - a tecnologia invadiu a vida adolescente e tornou-se indispensável ao cotidiano deles - , pois dos 25 alunos apenas 4 não possuem nem celular nem câmera fotográfica, mas mesmo assim afirmaram fotografar com aparelhos de outras pessoas: amigos, familiares, etc.

Vimos então que o trabalho com fotografia poderia ser executado e fomos adiante com a apreciação e leitura de imagens trazidas pelos alunos (aula 2), instigando-os a ler a imagem ao contar o contexto em que foi produzida a foto, quem participava da foto, etc. Perguntamos também o que sabiam sobre fotografia com os questionamentos elencados na aula 2, após explorar a oralidade, leram um pequeno texto com informações sobre fotografia e solicitamos que fizessem um a linha do tempo com as informações do texto (Anexo A).

Em seguida fez-se uma revisão rápida a respeito de verbo perguntando: Qual classe gramatical usamos pra indicar uma ação? Os alunos não responderam de imediato, mas ao explicar que usamos palavras para mostrar que algo acontece, aconteceu ou acontecerá, eles lembraram da classe gramatical verbo e fizemos uma lista no quadro de verbos que eles conhecem. Variados verbos foram listados, inclusive aqueles ligados à sexualidade e nesse momento a professora teve que ter “jogo de cintura” levando na brincadeira. Após a listagem dos verbos que continha inclusive beijar e transar, foi proposto que em pequenos grupos escolhessem um verbo e representassem a ação expressa por ele por meio de uma foto e foi unânime a escolha do verbo beijar (Anexo B).

Após essa atividade em que percebemos que os alunos compreenderam que podemos mostrar uma ação por meio da imagem, passamos nas aulas seguintes a questionarmos os elementos que dão ideia de ação em uma imagem apresentando em slides outras fotografias e fazendo os seguintes questionamentos: Eles/ele parece (m) fazer algo? O que? Esta ação é dirigida a alguém? Quem? Qual elemento na foto dá a ideia de ação ocorrendo?

Foto 15

Fonte: www.google.com

Uma das imagens projetadas foi essa acima em que os alunos identificaram os elementos da GDV implicitamente, ou seja, não foi e não é necessário apresentar os nomes das categorias, porém eles conseguiram identificar os atores – homem e mulher – que dançam, e apontaram ainda que a ação da dança é praticada pelos casais ao mesmo tempo, temos então homem e mulher também como meta. Ao serem perguntados sobre qual elemento na foto indica a ação? Os alunos apontaram as mãos unidas e os pés se movimentando, temos então os vetores imaginários que ligam pés e mãos configurando-se em uma ação transacional bidirecional.

Percebemos então que os alunos conseguiram identificar um dos processos da estrutura narrativa que foi ampliado com a proposta de atividade de criar um pequeno texto e depois recontá-lo unicamente pela imagem. O anexo C traz um texto criado por um dos grupos e demonstra que o objetivo de identificar elementos de narratividade em imagens fotográficas sem a presença de texto verbal foi alcançado.

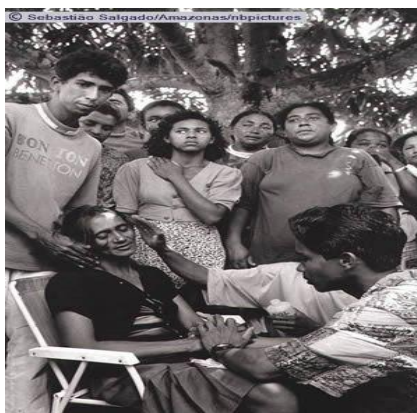
Diante disso, partimos para a segunda etapa do trabalho com as fotografias de Salgado. Projetamos a foto “Luta pela terra: a dor da mãe do jovem Oziel”, em slide e sem a legenda, perguntamos o que se passava na imagem e uma das alunas respondeu: “é uma mulher sentada, parece sofrer por alguma coisa” .



A imagem passa a ideia de ação? Perguntamos, e um dos alunos respondeu: “Sim, pró, aqueles homens estão acariciando ela, parece que estão consolando”. Neste momento, apresentamos a mesma foto em gif animada que salienta a ação da carícia e eles confirmaram que realmente havia uma ação ocorrendo.



Arguimos em seguida, por que será que ela sofre? “aconteceu alguma coisa com algum parente”, “o marido sofreu um acidente”, “o filho morreu”. Apresentamos então a mesma foto com a legenda confirmando as hipóteses levantadas acerca da morte do filho da senhora.



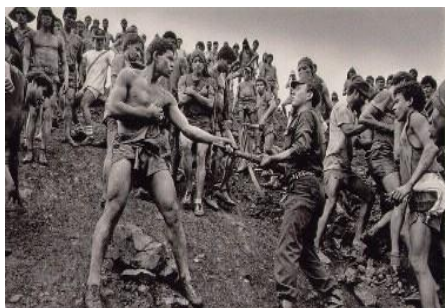
A Luta Pela Terra: A Dor Da Mãe Do Jovem Oziel

Em seguida, discutimos sobre esse pequeno texto, um título que pode acompanhar uma fotografia, chamado de legenda de foto através dos seguintes questionamentos:

- Que informações esse texto nos dá? “Que a mulher tá sofrendo por causa do filho” – disse um dos alunos;
- O que o texto tem haver com a imagem? “Os homens estão consolando ela” – respondeu uma das alunas;

- Para que serve esse texto? “Pra explicar a foto” – grita um aluno do fundo da sala;
- Ele é curto ou longo? “Curto, uma frase, só” – fala outro aluno;
- Como se chama esse texto? “Sei lá”- responde outro.

Diante da resposta a última pergunta, distribuímos o texto legenda de foto (disponível em anexo, no caderno pedagógico) e discutimos o objetivo da legenda. Apresentamos outra foto em que foi feita as mesmas perguntas da foto anterior em relação ao reconhecimento da estrutura narrativa. Depois foi pedido aos alunos que falassem possíveis legendas para a imagem: “a luta de dois homens”, “homens brigando”. Os alunos perceberam que a ação na imagem ocorria simultaneamente já que os dois homens em destaque estão em posição de luta.



O passo seguinte foi uma atividade com o livro didático da escola: agrupados em trios deveriam procurar fotografias que tivessem legendas e escolhessem uma e escrevessem uma fotolegenda baseados na foto e na legenda. (Anexo D – fotos dos alunos trabalhando em grupo).

Em seguida, expomos outras fotos de Salgado e discutimos o que ele enfatiza em sua foto e os alunos perceberam que todas as fotos focavam em situações de pobreza ou retratava pessoas de classe baixa. Nesse momento distribuímos um pequeno texto com a definição de tema (anexo do caderno pedagógico) e pedimos que os alunos dissessem qual definição se encaixava ao que tínhamos discutido e as fotos. Apesar de não conhecerem o termo discurso, eles apontaram a definição 1 como a que melhor se encaixava, passamos então a discutir qual a temática do trabalho de Salgado. Os alunos levantaram muitos temas: pobreza, infância, desigualdade social, etc. Podemos perceber que os alunos têm um senso crítico, conseguem perceber a denúncia social presente nas imagens.

Até o momento ninguém havia questionado por que as fotos eram todas em preto e branco, então lançamos a pergunta: Observem que as fotos estão em preto e branco, vocês têm ideia do por quê? Eles não souberam responder e distribuímos o texto sobre Salgado (Anexo B do caderno pedagógico). Lemos o texto e discutimos a técnica de Salgado, os alunos

experimentaram a técnica com o editor de imagens no celular colocando algumas fotos em preto e branco.

Na aula seguinte (3 e 4) para instigar o senso crítico foram distribuídas fotos de Salgado para que escrevessem sobre o que eles entendiam da imagem e dessem uma opinião crítica e também criassem uma legenda para as fotos. Conforme podemos perceber nos textos do anexo E, que traz os textos criados pelos alunos, eles discorreram sobre temas sociais inspirados pelas fotos, mas ao invés de escreverem legendas deram títulos aos textos que podem até servir como legenda.

Em seguida, caminhamos pelos arredores da escola e eles fotografaram o que quiseram e em sala com o editor de imagens colocaram em preto e branco e criaram legendas. Foi muito interessante para os estudantes na apresentação das imagens quando colocaram em paralelo a imagem colorida e preta em branco, citaram uma dramaticidade presente na foto preto e branco. Depois fizemos uma leitura do texto fotografia documental (anexo do caderno pedagógico).

Nas aulas 5 e 6 foi explorado a técnica de enquadramento no qual eles acharam bastante interessante e ficaram muito animados em fotografarem conforme o sorteio detalhado na aula 7 do caderno pedagógico. No anexo F temos algumas das fotos enfatizando as técnicas de enquadramento.

A terceira etapa foi muito animada com a preparação da mostra fotográfica, porém, como é comum em sala de aula, imprevistos acontecem e nem sempre o que planejamos dá certo. O planejamento que fizemos de uma mostra fotográfica para toda a escola não foi possível ainda.

Os alunos se mostraram tímidos e não quiseram expor os trabalhos para o restante da escola, então fizeram álbuns de fotos que foram apresentados apenas para os colegas da turma. Além disso, pelo pouco tempo que dispúnhamos para terminar o trabalho não foi possível organizar o evento, entretanto ficou combinado que na feira anual de conhecimento que a escola organiza os trabalhos serão expostos para toda a comunidade escolar. Outra mudança foi em relação às fotos, apesar de apreciarem a técnica de Salgado, preferiram fotos coloridas, alegaram que ficaria mais bonito.

Dessa forma, foram formados três grupos que escolheram como tema: grupo 1 a confecção de materiais de palha; grupo 2 contar a história de uma lagoa; e grupo 3 sobre o lixo da cidade.

O primeiro grupo optou por foto com legenda; o segundo grupo utilizou legenda e fotolegenda; o terceiro grupo utilizou a fotolegenda. Nos anexos H, I e J apresentamos as páginas dos álbuns. Através do financiamento da CAPES foi possível revelar todas as fotos não somente 5 como tínhamos pensado.

Enfim, após todo o processo de aplicação do projeto podemos tecer algumas considerações pertinentes:

- ✓ A imagem por si só pode produzir sentido;
- ✓ Os alunos quando orientados conseguem identificar as relações de sentido em imagens;
- ✓ Ao analisar as imagens os alunos conseguiram identificar os elementos que indicam narratividade nas imagens;
- ✓ Inserir no dia a dia da escola elementos que partem do cotidiano do aluno pode provocar mais atenção e colaboração nas atividades propostas;
- ✓ O gênero fotografia é uma possibilidade interessante para que os alunos façam seus próprios registros daquilo que julga importante;
- ✓ O letramento visual pode ser trabalhado em sala de aula mediante atividades que estejam próximos do cotidiano dos alunos;

Diante dessas considerações, podemos inferir que o trabalho com linguagem visual é uma tarefa possível e, principalmente, prazerosa para os alunos visto que a multimodalidade está constantemente presente no seu dia a dia. Por isso, estimular a interpretação, leitura e análise de imagens se torna preponderante no ensino de língua, tendo em vista a necessidade de formamos alunos competentes e letrados visualmente.

4.7 Caderno Pedagógico

Mediante a particularidade do Mestrado Profissional que busca integrar teoria e prática foi desenvolvido um caderno pedagógico visando auxiliar o professor na árdua tarefa de “letrar” visualmente. O caderno consta de 49 páginas divididas em: Introdução, Objetivos, Percorso Metodológico, A Gramática do Design Visual, Proposta metodológica com o gênero fotografia documental, Considerações Finais, Referências e Anexos.

LETRAMENTO VISUAL:
TRABALHANDO A FOTOGRAFIA
DOCUMENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

CYNTHIA CARLLA DE ALMEIDA ANDRADE

CADERNO PEDAGÓGICO

ITABAIANA/SE

2015

CYNTHIA CARLLA DE ALMEIDA ANDRADE

**LETRAMENTO VISUAL: TRABALHANDO A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NO
AMBIENTE ESCOLAR.**

Orientador:

Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira

ITABAIANA-SE

2015

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	54
1.1 OBJETIVO DA PROPOSTA	56
1.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PROPOSTA	57
2. A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	59
2.1 METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL	60
2.2 METAFUNÇÃO INTERACIONAL	66
2.3 METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL	70
3. PROPOSTA METODOLÓGICA	71
3.1 PRIMEIRA ETAPA	74
3.2 SEGUNDA ETAPA	77
3.3 TERCEIRA ETAPA	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
6. ANEXOS	89
6.1 FOTOGRAFIA: COMO A TÉCNICA FOI INVENTADA	89
6.2 SEBASTIÃO SALGADO	92
6.3 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL	94
6.4 QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM	95
6.5 GÊNERO DISCURSIVO: LEGENDA DE FOTO	96
6.6 TEMA	97
6.7 INSTRUÇÕES: COMO FOTOGRAFAR	98
6.8 MOSTRA FOTOGRÁFICA: DICAS DE COMO MONTAR	99

1 APRESENTAÇÃO

Prezado professor e professora,

A sociedade há muito tempo privilegia a palavra como forma de comunicação ignorando os aspectos não verbais que ora auxiliam ora compõem por si só um sentido. A escola por sua vez também prioriza somente o estudo dos aspectos verbais que ocasiona uma gama de iletrados visuais, ou seja, grande parte da população não consegue interpretar, correlacionar imagens nem tampouco refletir acerca da importância dos componentes visuais que podem trazer uma mensagem, estabelecer uma significação.

Porém, a contemporaneidade proporcionou uma revolução nos estudos linguísticos. Com as novas tecnologias de informação surgem variadas formas de comunicação e também os formatos e os suportes dessa comunicação foram reformulados culminando em um termo chamado multimodalidade. A multimodalidade se refere aos aspectos verbais e/ou não verbais de uma mensagem que se interconectam em prol da produção de um sentido.

Percebe-se então a necessidade de se ter atividades escolares voltadas para o aprendizado multimodal visto que os gêneros discursivos como bem aponta Backtin (2011) podem ser reformulados, atualizados e também podem surgir novos a depender da necessidade da sociedade.

Pensando em minimizar o déficit em relação ao alfabetismo visual, montamos este caderno pedagógico que se propõe a sugerir uma possibilidade de análise de gêneros discursivos multimodais com o intuito, não de oferecer uma “receita pronta”, mas de apresentar um dos caminhos possíveis de se trabalhar com a linguagem não verbal em sala de aula.

Desse modo, este caderno visa, por meio de um projeto didático, orientar o docente a: 1) conhecer a teoria da Gramática do Design Visual; 2) estimular a produção artística de fotografias; 3) desenvolver atividades de leitura e análise dos recursos, técnicas e estratégias multimodais e imagéticas; 4) aplicar os conhecimentos apreendidos, durante as leituras, em exercícios de produção de imagens fotográficas; 5) produzir uma mostra fotográfica.

Ao levar em conta o grau de complexidade das bases teóricas do nosso trabalho e a necessidade de apresentar um material que utilize uma linguagem simples e rápida, apresentamos os conceitos da GDV de maneira sintética e ilustrativa para que você, professor, compreenda a proposta pedagógica.

Para tanto, este caderno está organizado em duas partes: a primeira traz as orientações básicas sobre a Gramática do Design Visual, para que você se familiarize com a teoria de base e possa extrair dela aquilo que considera aplicável em sua prática pedagógica; a segunda apresenta um projeto didático a ser desenvolvido com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Acompanha este caderno um arquivo em winrar contendo gifs animadas das fotografias utilizadas para que você, professor, possa utilizar em sua aula. Além disso, para que você possa acessar qualquer parte do caderno, o sumário e os anexos estão em forma de links, basta clicar e acessar.

Esperamos, enfim, contribuir, de alguma forma, para práticas de ensino de leitura visual dinâmica e expressiva, com foco no ensino dos recursos da imagem que proporciona uma significação e que também deve ser observada nas aulas de Língua Portuguesa.

[VOLTAR](#)

1.1 OBJETIVOS DA PROPOSTA

A proposta aqui apresentada é resultado de nossa pesquisa no Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UFS/Itabaiana/SE), com o apoio da CAPES.

OBJETIVO GERAL:

- Apresentar estratégias de leitura de imagens, com ênfase em atividades de produção de fotografias, para o 9º ano do ensino fundamental, na perspectiva da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen;

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS:

- Ler imagens fotográficas criticamente;
- Organizar caderno pedagógico de leitura de imagens fotográficas;
- Utilizar adequadamente ferramentas tecnológicas como o celular e a câmera digital no ambiente escolar;
- Alfabetizar e letrar visualmente crianças e jovens com o objetivo de integrá-los à comunidade por meio da percepção gerada pela fotografia

[VOLTAR](#)

1.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PROPOSTA

O trabalho pedagógico com a fotografia deve abordar os aspectos inerentes a esse gênero visto que a linguagem visual tem elementos que por si só produzem sentido. Como sugere Costa (2013) é necessário que “os próprios professores e alunos utilizem a fotografia para fazer seus próprios registros, aprendendo a olhar, a selecionar e a ver o mundo”.

Mediante essa constatação foi escolhida algumas fotos do acervo de Sebastião Salgado, pensando em estabelecer uma interpretação crítica da realidade através da leitura de imagens.

A escolha do Projeto pedagógico se deu pela necessidade de uma ferramenta pedagógica que abarcasse a ideia de um produto final a ser produzido pelos alunos com a intenção de mostrar à comunidade escolar aquilo que é desenvolvido em sala de aula e considerando as características inerentes a este suporte pedagógico, pois como apontam os Parâmetros curriculares Nacionais da Educação Básica,

Além de oferecerem condições reais para a escuta, leitura e produção de textos orais e escritos, os projetos carregam exigências de grande valor pedagógico, pois: criam a necessidade de ler e analisar grande variedade de textos e suportes do tipo que se vai produzir: como se organizam, que características possuem ou quais têm mais qualidade. Trata-se de uma atividade de reflexão sobre aspectos próprios do gênero que será produzido e de suas relações com o suporte (PCNs, 1998, p. 88).

Projeto didático é um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolvem uma situação- problema. Seu objetivo é articular **propósitos didáticos** (o que os alunos devem aprender) e **propósitos sociais** (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém).

A situação-problema detectada nas escolas brasileiras é a baixa capacidade dos alunos analisarem imagens o que culmina em iletrados visuais, por isso a presente proposta tem como propósito didático instigar a leitura crítica de imagens fotográficas e como propósito social uma mostra fotográfica (exposição) de fotos tiradas pelos alunos, tendo em vista que

A característica básica de um projeto é que ele tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa num produto final em função do qual todos trabalham e que terá, necessariamente, destinação, divulgação e circulação social internamente na escola ou fora dela[...] (PCNs, 1998, p. 87).

Outro fator crucial para a escolha da ferramenta de projeto didático foi a busca de uma interação e participação efetiva de todos os alunos na construção da mostra fotográfica visto que

Os projetos favorecem, assim, o necessário compromisso do aluno com sua própria aprendizagem, pois contribuem muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas apenas pelo professor (PCNs, 1998, idem).

Dessa forma, o projeto didático está dividido em 3 etapas. A primeira etapa com 5 aulas visando explorar a metafunção narrativa; a segunda etapa com 7 aulas propõe um aprofundamento da o conhecimento da metafunção interativa e o contato com o corpus da pesquisa – um conjunto de fotos de Sebastião Salgado com a intenção de promover a leitura crítica de imagens; a terceira etapa de produção da mostra fotográfica para colocar em prática os fundamentos discutidos em sala de aula.

[VOLTAR](#)

2. A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Reconhecer e analisar os aspectos multimodais de uma imagem não depende apenas de um olhar atento a expressões faciais, ou o modo (roupa, por exemplo) como aqueles seres que fazem parte da imagem estão. É necessário o professor ter um conhecimento teórico acerca dos estudos da imagem, por isso traremos informações pontuais sobre a Gramática do Design Visual, teoria recente sobre como analisar as propriedades, ou melhor, características da imagem passíveis de serem estudadas.

A GDV surge no cenário acadêmico em 1996 e seus postuladores são Kress e van Leeuwen (1996) que adaptam a teoria de Halliday⁴ para a análise de imagens. Essa teoria aponta duas possibilidades de análise da imagem: uma de fim prático, ou seja, analisa a construção dos textos e a outra de fim analítico, ou seja, possibilita analisar os significados atrelados aos elementos visuais que podem ser interpretados. Assim, o quadro abaixo sintetiza as metafunções de Kress e van Leeuwen:

Metafunção	Representação
Representacional (analisa o modo como os seres que estão na imagem se relacionam)	Estrutura Narrativa: (Ação Transacional, Não Transacional e Bidirecional; Reação Transacional, Reação Não Transacional; Processo Verbal, Processo Mental) Estrutura Conceitual: Processo Classificacional, Analítico e Simbólico.
Interativa (analisa as estratégias de aproximação ou afastamento para com o leitor)	Contato – Demanda ou Oferta. Distância social (enquadramento) – Social (plano aberto); Pessoal (plano médio) e Íntimo (plano fechado). Atitude ou perspectiva – Ângulo Frontal, Ângulo Oblíquo e Ângulo Vertical (Ângulo Alto e Ângulo Baixo). Modalidade – sensorial e naturalista.
Composicional (analisa os elementos que compõem a imagem: cores, formatos, layout)	Valor de informação – dado, novo, ideal, real. Saliência – elementos mais destacados na imagem; Moldura – o modo como os elementos estão interconectados na imagem.

⁴A teoria de Halliday apresenta metafunções para o uso da linguagem verbal.

Para exemplificar as metafunções representacional e interativa utilizaremos fotografias de Sebastião Salgado com uma breve descrição da imagem. As imagens serão duplicadas com ênfase em uma delas para o elemento que identifica a metafunção discutida. Segue em anexo também gifs animadas em arquivo Power Point para que você, professor, compreenda melhor a teoria e possa se quiser usar com seus alunos em sala.

[VOLTAR](#)

2.1 METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL

A metafunção representacional abarca a relação entre os seres representados na imagem que pode ser narrativa ou conceitual. A estrutura narrativa aponta que a imagem pode passar a ideia de ações ocorrendo e é subdividida em quatro processos: ação, reação, verbal e mental.

ESTRUTURA NARRATIVA

Processo de ação

Refere-se a ações ocorrendo nas imagens. Aquele que realiza ação é o ator e aquele que recebe a ação é chamado de meta. Toda ação é realizada por meio de um vetor, uma linha imaginária que liga os seres e indica a direção da ação. Pode ser de três tipos:

- **Ação transacional:** alguém realiza a ação em alguém.



Ator – vetor – meta

- **Ação não transacional:** alguém realiza a ação, mas não aparece a quem.



Ator – vetor -?

- **Ação bidirecional** – as ações são realizadas simultaneamente.



Ator – vetor – meta

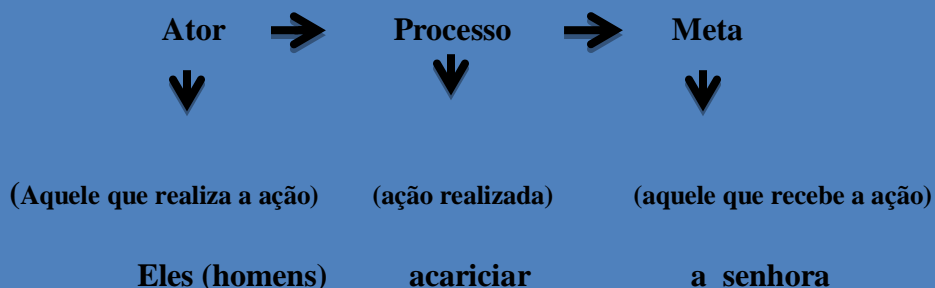
Observe no exemplo abaixo como se dá essa relação de transitividade:

AÇÃO TRANSACIONAL



Na foto à direita há um participante que segura as mãos da senhora indicando consolá-la, já que a expressão facial dela denota sofrimento. Outro participante também levanta sua mão para acarinhá-la dando também a ideia de conforto e outro ainda segura a cabeça da mulher, pois toda a cena demonstra a ação de consolar uma pessoa em sofrimento.

Na foto à esquerda evidenciamos o processo narrativo por meio das setas que indicam as ações dentro da imagem, elas assumem a função de vetores, pois segundo Kress e van Leeuwen (1996) o que indica a narratividade em uma imagem é um traço imaginário chamado vetor que indique a direcionalidade da ação. Sintetizamos no esquema abaixo como ocorre esse processo narrativo:



Processo de reação

Observa a direção do olhar dos seres representados na imagem que sugere a ação de olhar. Aquele que olha é o reator e o que é alvo do olhar é o fenômeno. Também se tem a linha imaginária, o vetor, indicando a direção do olhar. Pode ser de dois tipos:

- **Reação transacional:** alguém realiza a ação de olhar algo que está na imagem.



Reator – vetor – fenômeno

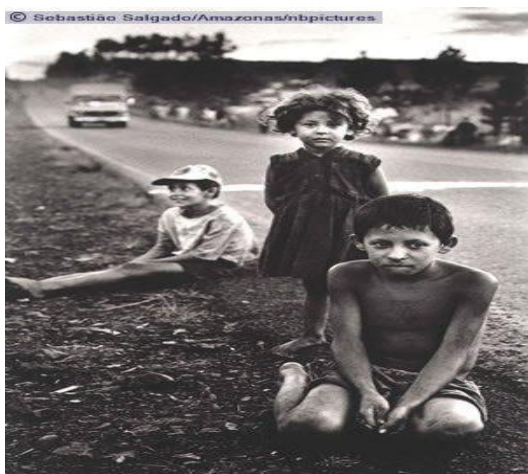
- **Reação não transacional:** não aparece aquele ou aquilo que é olhado.



Reator – vetor - ?

Observe no exemplo abaixo:

REAÇÃO NÃO TRANSACIONAL



Na foto acima, temos três crianças que descansam a beira da estrada e olham para algo. Cada uma delas olha para uma direção e em nenhuma delas conseguimos identificar o alvo do olhar. Observe pela direção dos vetores que não há condição de determinar para onde ou quem se está olhando. O esquema abaixo sintetiza essa estrutura:

Reator



fenômeno

(Crianças)

(não aparece)

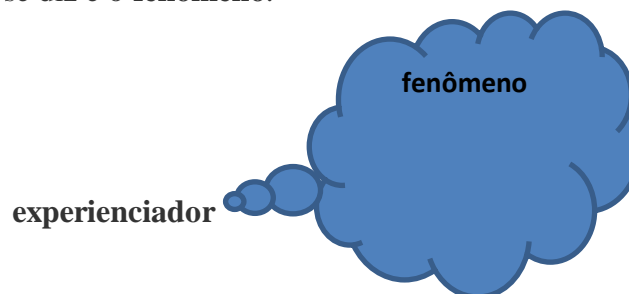
Processo verbal

Refere-se aquilo que é dito dentro de balões que podem ser de fala e de pensamento. Quando se utiliza balões de fala o processo é **verbal** e aquele que diz é o **dizente** e aquilo que se diz é o **enunciado**.



Processo mental

Quando se utiliza balões de fala o processo é **mental** e aquele que diz é o **experienciador** e aquilo que se diz é o **fenômeno**.

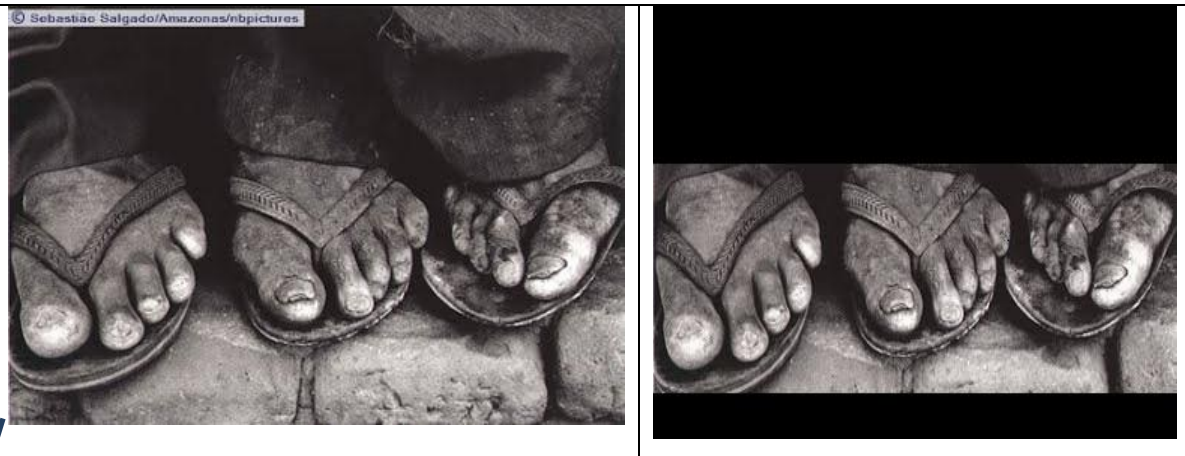


ESTRUTURA CONCEITUAL

A estrutura conceitual ocorre por meio de variados elementos em uma mesma imagem e não passa a ideia de ações ocorrendo. Pode ser de três tipos: **analítica**, **simbólica** e **classificacional**.

Processo analítico

Segue uma estruturação entre as partes e o todo e pode ser **estruturada** ou **desestruturada**. A **estruturada** acontece quando a relação entre as partes e o todo é explícita e a **desestruturada** quando essa relação é implícita.



Os pobres trabalhadores da terra

Observemos na foto que a imagem de pés sujos, mal cuidados e em sandálias baratas enfatizam a pobreza dos trabalhadores da terra (informação explícita na legenda), entretanto se configura como uma relação analítica desestruturada, pois não aparece outros elementos que descrevam essa pobreza.

Processo simbólico

Refere-se ao que o participante significa ou é. Pode ser **atributivo** quando algo na imagem é salientado por tamanho, cor, etc ou **sugestivo** quando o próprio participante é o símbolo.

Processo classificacional

Há uma organização dos elementos ou participantes da imagem que dá a ideia de hierarquia, pois há um **superordinado** e um **subordinado**. O **subordinado** está atrelado ao **superordinado** sem a presença de vetores. Essa relação pode ser **evidente** quando é explícita ou **coberta** quando é implícita.



Crianças Abandonadas Nas Instituições Estaduais

Percebemos essa classificação evidente ao termos uma criança no alto da cadeira e a ela relacionadas as outras crianças que brincam. Apesar de aparentemente aleatórias a disposição das crianças no chão enfatiza o fato de viverem em instituições sociais à espera de adoção como nos informa a legenda da foto.

[VOLTAR](#)

2.2 METAFUNÇÃO INTERATIVA

Essa metafunção enfatiza a interação entre leitor e ser representado. Temos então aqueles que observam, leem a imagem são chamados de **Participantes Interativos (PI)** e aqueles que estão na imagem são chamados de **Participantes Representados (PR)**. Essa relação acontece de quatro maneiras: **contato, distância social, atitude e modalidade**.

Contato

Analisa a direção do olhar do PR. Quando o PR olha diretamente para o PI estabelece uma ligação chamada de **demanda**. Quando o PR olha de lado acontece uma relação de **oferta**, ou seja, se oferece a contemplação do PI. Observe:



Há dois participantes representados que estabelecem a relação de contato e demanda na mesma imagem. Um menino aparentando uns nove anos de idade agarrado à cintura de uma mulher que parece ser sua mãe olha frontalmente estabelecendo uma relação de demanda. A mulher, entretanto mesmo com outra criança nos braços, levanta a mão direita passando a ideia de resistência e olha lateralmente oferecendo-se a contemplação do PI constituindo-se um contato de oferta.

Distância social

O enquadramento também diz muito em uma imagem e estabelece um distanciamento ou aproximação entre PR e PI. Pode ser em três planos: **aberto, médio e fechado.**



Plano aberto

Focaliza o corpo todo.



Plano médio

Focaliza da cabeça até a cintura ou no máximo o joelho.



Plano fechado

Focaliza só o rosto ou até no máximo o ombro.

Atitude ou perspectiva

Ocorre por meio dos **ângulos frontais, oblíquos e verticais**. No **ângulo frontal** a intimidade entre PR e PI é acionada e por olhar diretamente para o PI estabelece-se uma posição de poder igualitária. No **ângulo oblíquo** essa intimidade é quebrada proporcionando um distanciamento entre os participantes, pois o PR se coloca de lado para o PI. O **ângulo vertical** se subdivide em alto, baixo e nivelado e tem intenção de estabelecer relações de poder. Quando o PR está no alto da imagem dá a impressão que está acima do leitor, então o poder está com ele. Quando está na parte baixa da imagem esse poder é transferido para o PI. E quando está no meio a relação de poder é igualitária. Observe:



A foto ao lado tem dois participantes, nativos da África. À esquerda o PR se coloca no ângulo oblíquo olhando lateralmente se distanciando do PI, já o da direita se coloca no ângulo frontal encarando e se conectando com o PI. Quanto ao ângulo vertical eles se colocam no centro da imagem em uma relação igualitária de poder.

Modalidade

Refere-se à aproximação ou não do mundo real na imagem e pode ser: **sensorial ou naturalista**.

Sensorial – os elementos da imagem apenas sugerem algo e o uso das cores, desfocalização, são utilizados de provocar uma sensação no leitor.



Na foto abaixo se percebe que o contraste entre o claro e escuro em uma imagem em preto e branco que o aspecto sensorial é mais explorado para provocar emoção naqueles que o apreciam. Representa o modo de vida daqueles que vivem em assentamentos, ressaltando a situação precária.

Naturalista: expõe a imagem tal qual ela é, aproximando-se o mais fiel do real.



Observemos que há uma mulher sentada na calçada com um filho nos braços e os outros dois dormem no chão, retratando uma situação corriqueira: os pedintes nas calçadas.

[VOLTAR](#)

2.3 METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL

Investiga os aspectos composicionais da imagem como layout, cores e o modo como os elementos estão dispostos na imagem. Tem três categorias: **valor de informação, saliência e moldura.**

Valor de informação

A escolha do lugar onde se devem fornecer informações já conhecidas e novas para o leitor. Trabalha com a localização das imagens: direita, esquerda, em cima e embaixo. Pode ser dividido em: **dado, novo, ideal e real.**

À direita e no lado superior tem-se as informações novas – os valores novo e ideal - e à esquerda e no plano inferior as informações conhecidas – valor dado e real. Temos ainda as que se localizam no centro em maior destaque, chama-se central e aqueles que por ventura se localizam nas margens terão uma relação de dependência e subordinação.

Saliência

O modo como algo é destacado na imagem mediante técnicas de focalização, sombreamento, proporções exageradas, cores destacadas ou contrastantes, etc.

Moldura

O modo como os elementos se interligam na imagem.

[VOLTAR](#)

3 . PROPOSTA METODOLÓGICA

Professor (a)

É chegada a hora de colocar em prática a teoria que você estudou anteriormente. As etapas a seguir foram programadas de modo a conduzi-lo a uma grande exposição fotográfica dos trabalhos do seu aluno.

O projeto didático está dividido em três etapas e cada uma delas conta com um objetivo geral. Em cada aula elencamos os objetivos específicos para que você, professor, conduza sua aula de maneira segura e eficiente.

Para facilitar o seu trabalho há alguns links que você poderá acessar clicando no link (inclusive o sumário está linkado) e assim será conduzido aos textos em anexo, como também há a possibilidade de utilizar as imagens em gifs animadas no arquivo que também acompanha este caderno.

Bom trabalho!

GÊNERO FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

INSTITUIÇÃO: Colégio Municipal de Andorinha

AUTORA: Cynthia Carlla de Almeida Andrade

CIDADE: Andorinha - BA

ESTRUTURA CURRICULAR: Ensino Fundamental Final

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

EIXOS: Leitura e Análise Linguística/Visual

SÉRIE: 9º ano

TEMA: Letramento visual: trabalhando a fotografia documental no ambiente escolar.

OBJETIVO GERAL:

- Proporcionar o letramento visual mediante a leitura de imagens fotográficas estabelecendo uma interpretação crítica da realidade e enfatizando a multimodalidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Considerar outros usos da linguagem, além da linguagem verbal;
- Ler imagens criticamente;
- Reconhecer elementos que estabelecem sentidos em imagens;
- Mediar a utilização de aparelhos tecnológicos: celular e câmera fotográfica em atividades pedagógicas;
- Conhecer a história da fotografia;
- Conhecer os princípios básicos de composição visual e aplicá-los à fotografia.
- Reconhecer a importância dos fundamentos da linguagem visual para a realização de obras visuais.
- Reconhecer e valorizar a importância da fotografia como linguagem documental e artística
- Estimular diferentes formas de olhar o mundo;
- Estimular a oralidade.

CONTEÚDOS:

- Princípios básicos de composição aplicados à fotografia;
- Enquadramento e narratividade nas imagens;
- Fotografia;
- Gênero discursivo legenda de foto;
- Gênero discursivo linha do tempo;
- Leitura de imagens

TEMPO ESTIMADO:

- 17 aulas de 50 minutos. (850 minutos)

RECURSOS:

- data show;
- notebook;
- papel sulfite;
- câmera fotográfica ou celular;
- papel metro;
- fotografias;
- canetas;
- pincéis de quadro branco

[VOLTAR](#)

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:

PRIMEIRA ETAPA

TEMPO: 5 aulas

Objetivo Geral:

- Explorar a metafunção narrativa buscando apontar elementos de narratividade nas fotografias.

AULA 1

Objetivo Específico

- Sondar o conhecimento dos alunos a respeito da fotografia.

Metodologia

Suscitar discussão perguntando oralmente:

O que é fotografia? Pra que serve?

Vocês costumam tirar fotos (fotografar)?

Vocês sabem quando surgiu a fotografia?

Antes das câmeras digitais e celulares como fotografávamos?

Após esse “aquecimento” distribuir um texto que trata sobre [a origem da fotografia](#). (anexo 1). Fazer a leitura em voz alta e discutir sobre ele. Em seguida relembrar o gênero linha de tempo e pedir que façam uma linha do tempo com as informações do texto.

Em seguida aplicar o [questionário de sondagem](#):

Professor, o questionário servirá para que você saiba quantos tem celular ou câmera fotográfica (aparelhos indispensáveis para o andamento dos trabalhos) e também avaliar o uso que eles fazem dessas ferramentas tecnológicas.

Após a coleta do questionário, levantar a discussão sobre o uso do celular para fins pedagógicos, ou seja, explicará que ao longo das aulas os alunos fotografarão com o intuito de re(conhecer) algumas técnicas fotográficas a fim de produzir um ensaio fotográfico. Em seguida, o professor apresenta uma foto sua e conta a história dela. **Atividade de casa:** Pedir que os alunos levem uma fotografia para a sala que pode ser com amigos, família, etc.

AULAS 2 e 3

Objetivo específico:

- Reconhecer e apontar os aspectos narrativos de uma imagem fotográfica.

Metodologia

Cada um apresenta sua fotografia e conta a “história” dela: onde foi tirada, em qual lugar, quem são os seres que estão nela, etc. montam um painel com as fotos, que pode ser afixá-las com fita crepe em um cartaz de papel metro ou no quadro ou em um varal.

Perguntar aos alunos sobre qual classe gramatical ou palavra é utilizada para indicar ações sendo realizadas. Listar no quadro os verbos que eles conhecem. Em seguida pedir que escolham um dos verbos da lista e em trio tirem fotos que represente aquela ação e mandem para o professor via whatsapp, facebook ou email.

AULAS 4 e 5

Objetivo específico:

- Caracterizar os aspectos narrativos da fotografia

Metodologia

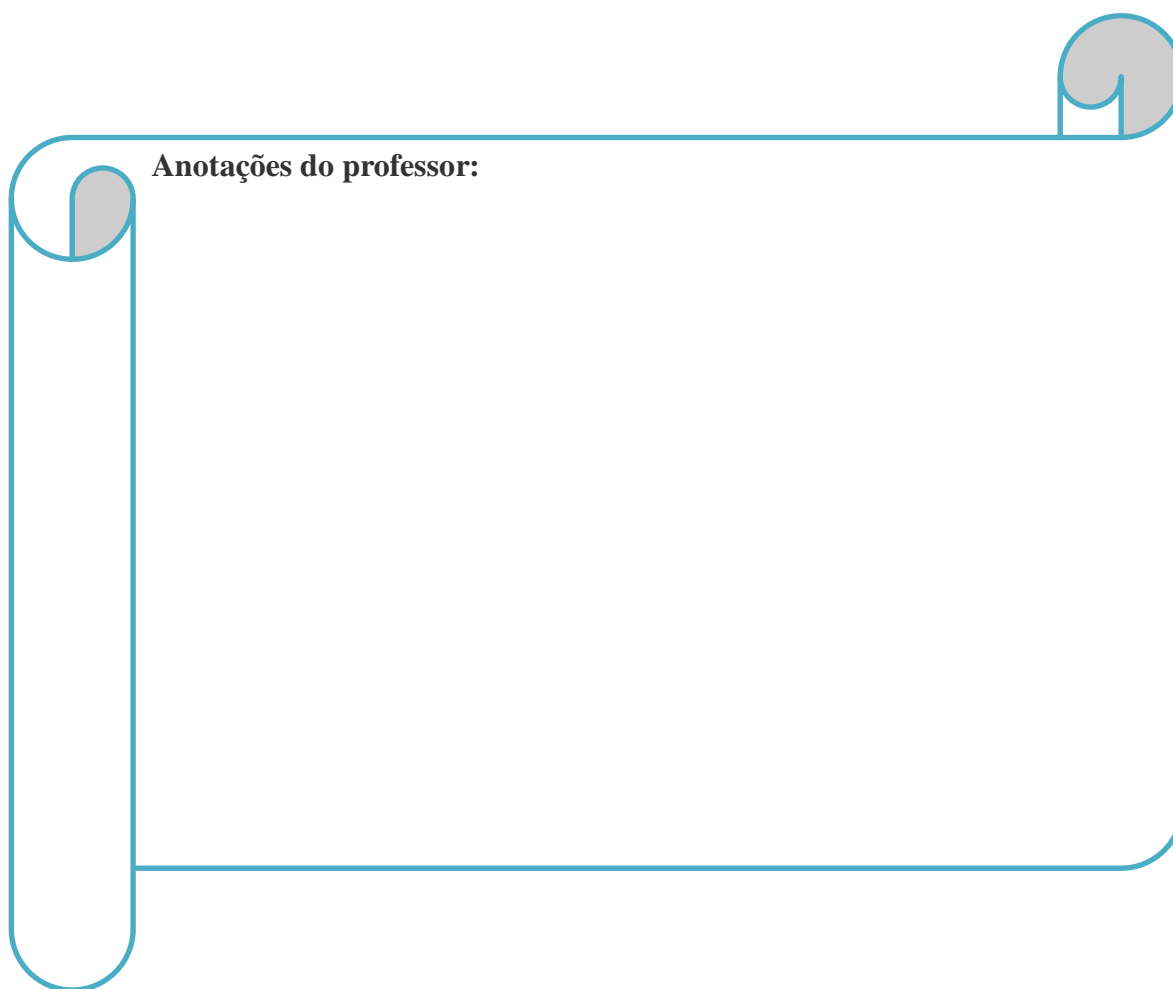
Em slide o professor apresenta variadas fotos: de propaganda, pessoais, internet, etc, de diferentes fontes, que deem a ideia de ações sendo realizadas, fazendo questionamentos do tipo: O que você consegue entender a respeito da foto? Ela passa a ideia de uma história? Conte o que você vê na foto.

Exemplos de imagens:



Discutir com os alunos a narratividade presente nas fotos, conduzindo através das perguntas: Eles/ele parece fazer algo? O que? Esta ação é dirigida a alguém? Quem? Qual elemento na foto dá a ideia de ação ocorrendo?

Para fechar esta etapa peça que, em grupo, crie um pequeno texto e depois o ilustre através de fotografias. Na aula seguinte, os alunos deverão mostrar suas histórias para que a turma avalie se eles conseguiram atingir o objetivo de representar ações por meio da imagem.



Anotações do professor:

[VOLTAR](#)

SEGUNDA ETAPA

TEMPO: 7 aulas

Objetivo Geral

- Apresentar em slides um conjunto de fotos de Sebastião Salgado extraídas de seu trabalho Terra, sem legenda e buscando ressaltar os aspectos referentes a metafunção representacional narrativa enfatizando a diferença entre o processo de ação e reação, enfim, fazer a leitura da imagem buscando suscitar as sensações e emoções provocadas pela foto bem como identificar instâncias narrativas na linguagem visual.

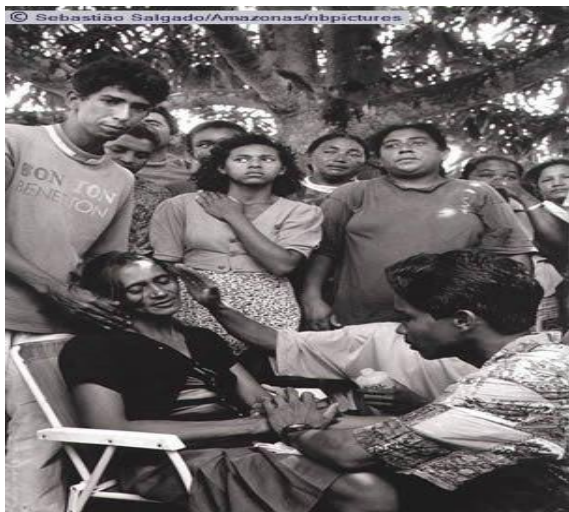
Aula 1

Objetivos específicos:

- Abordar o gênero textual legenda de foto.
- Apresentar o conceito de tema.

Metodologia

Apresentar em slides a fotografia abaixo de Salgado sem a legenda:



Observe que nesta imagem ocorre a ação de acariciar, confortar a senhora que está na cadeira. Temos então os atores – homens (mãos) que amparam, acariciam e a meta – senhora sentada em sinal de grande sofrimento.

Será feita as seguintes perguntas enfatizando a Metafunção representacional:

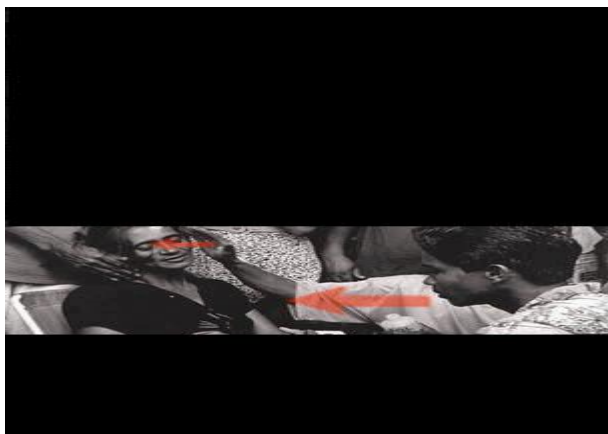
Os participantes da foto estão fazendo algo? O quê?

Eles interagem entre si?

Podemos narrar uma história baseados nessa foto?

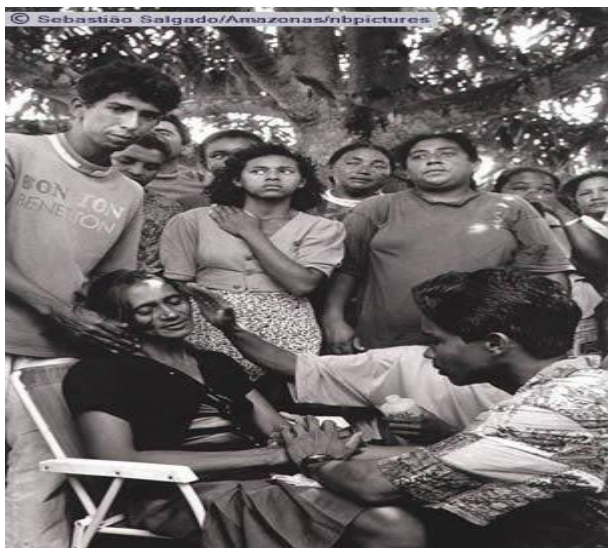
Enfatizar que uma imagem mesmo sem palavras pode contar algo, narrar alguma coisa.

Depois apresente a gif animada da mesma foto para que eles percebam a ocorrência da ação.



No arquivo em anexo você terá disponível esta imagem em gif animada.

Em seguida apresentar a mesma foto dessa vez com a legenda para que expliquem qual a relação entre a foto e seu título.



Os alunos deverão compreender que a legenda acrescenta informações à imagem publicada ou confirma a informação dada visualmente.

“A LUTA PELA TERRA: A DOR DA MÃE DO JOVEM OZIEL”

Explicar o gênero discursivo legenda de foto partindo das seguintes questões:

- Que informações esse texto nos dá?
- O que o texto tem haver com a imagem?
- Para que serve esse texto?
- Ele é curto ou longo?
- Como se chama esse texto?

Em seguida, distribua o texto em anexo legenda de foto e discuta com os alunos. Professor, você poderá também mostrar outras fotografias com legenda, como por exemplo, as jornalísticas para

que os alunos compreendam melhor. Em seguida, peça que em grupo folheem o livro de português e observem as fotos que tem no livro e as legendas. Discuta com a turma sobre as legendas encontradas. Depois peça que escolham uma das fotos e, baseado na legenda, criem uma fotolegenda.

Depois que os alunos estiverem familiarizados com a legenda de foto, explicar o conceito de tema. Pedir que levantem hipóteses acerca de qual tema é tratado na foto de Salgado.

Se ninguém perguntar instigar a curiosidade dos alunos em relação às fotos de Salgado ser em preto e branco: Observem que as fotos estão em preto e branco, vocês tem ideia do por quê?

O professor poderá escrever no quadro as hipóteses levantadas pelos alunos e depois distribuir o texto impresso sobre Sebastião Salgado (Anexo B) para discutir sua biografia e objeto de trabalho, discutir também a denúncia social presente no trabalho de Salgado.

AULA 3 e 4

Objetivos específicos:

- Instigar o ato de fotografar;
- Estimular a oralidade;
- Diferenciar os tipos de fotografia.

Metodologia

Distribuir cópias das fotos de salgado e pedir que os estudantes criem uma história baseada na imagem e depois legendas sobre as fotos. Promover uma caminhada pelos arredores da escola e pedir que munidos dos celulares ou câmeras tirem fotos daquilo que julgarem interessantes. Em seguida, na sala de aula deverão escolher uma foto, utilizar as ferramentas de edição e colocá-las em preto e branco, criar uma legenda e mostrar, com auxílio de data show explicando para a turma qual tema está presente na imagem. Discutir com toda turma o impacto causado pelas fotos em preto e branco, comparando algumas com sua primeira versão colorida. Falar sobre os tipos de fotografia: propaganda, jornalística e documental. Distribuir um pequeno texto sobre foto documental (Anexo C)

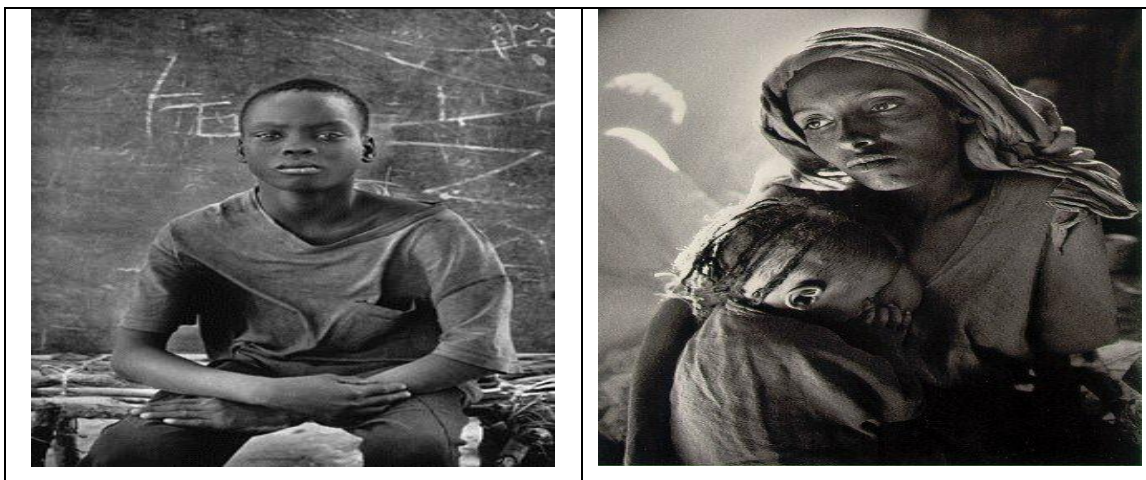
AULA 5 e 6:

Objetivo específico:

- Discutir a metafunção interativa e as dimensões de contato e enquadre.

Metodologia:

Apresentar as duas fotos de Salgado abaixo:



No arquivo em anexo você terá disponível estas imagens em gif animada.

Em seguida, conduzirá as aulas de acordo com os seguintes questionamentos:

Metafunção interativa de contato:

Qual a sensação causada quando o participante está de frente? Olhando diretamente para você? E quando olha de lado?

Explicar que quando o ser representado está de frente, olhando diretamente para o contemplador ele quer estabelecer um contato mais íntimo. E quando o olhar do PR está de lado ele se oferece a contemplação do observador.

Metafunção interativa de distância:

Explicar o que é enquadramento e seus tipos com as fotos abaixo, dispostas juntas em slides ou impressas em folha de ofício A4 e fixadas no quadro:

Long shot ou plano aberto – o corpo todo do ser aparece na foto.



No arquivo em anexo você terá disponível esta imagem em gif animada.

Médium shot ou plano médio: somente metade do corpo aparece, ou seja, da cintura para cima.



No arquivo em anexo você terá disponível esta imagem em gif animada.

Close shot ou plano fechado: focaliza apenas a cabeça do ser representado.



No arquivo em anexo você terá disponível esta imagem em gif animada.

AULA 7

Objetivo específico:

- Fotografar utilizando as técnicas aprendidas.

Metodologia:

Após essa explicação é chegada a hora de colocar em prática os conceitos apresentados. O professor levará dentro de um saquinho para sorteio as seguintes instruções de como os alunos em dupla deverão fotografar:

[INSTRUÇÕES](#)

Formam-se as duplas que deverão escolher quem será o fotógrafo e quem será o modelo. Cada dupla então na sala ou em outro espaço preferido pela turma em acordo com o professor (pátio, fora da escola, etc) deverão tirar as fotos com o celular ou câmera que já foi pedido na aula anterior. **Obs:** As instruções poderão se repetir de acordo com a quantidade de duplas que se formarão. Após a sessão de fotos, cada dupla irá mostrar suas fotos em data show para a turma, explicando a técnica utilizada.

Anotações do professor:

[VOLTAR](#)

TERCEIRA ETAPA

TEMPO: 5 aulas

OBJETIVO GERAL:

- Preparar uma [mostra fotográfica](#) para toda a comunidade escolar.

Aula 1

Objetivo específico:

- Discutir o tema da sua mostra fotográfica.

Metodologia:

Formar grupos de 3 pessoas. Cada grupo discutirá e elegerá um tema que achem importante para demonstrar as mazelas da comunidade e também se as fotos serão imagens que sugiram ação, movimento ou se serão imagens estáticas que utilizem as técnicas de enquadre e contato. Escolherão quem será o fotógrafo ou se eles quiserem todos fotografam com câmera digital ou celular. Obs: as fotos serão feitas fora do horário da aula. O ideal é que seja feito em um final de semana e que tirem ao menos 10 fotos.

Aula 2

Objetivo específico:

- Escolher as fotos que farão parte da exposição.

Metodologia

No laboratório de informática os grupos conectarão seus aparelhos, pendrives, câmeras onde estarão as fotos e deverão escolher das 10 fotos ou mais que tiraram apenas 5 para a mostra fotográfica. Escolhidas as cinco fotos, deverão criar a legenda das fotos. Em seguida, imprimir as fotos em papel de foto tamanho 15x21 ou em papel sulfite A4, a depender da condição econômica dos alunos.

Aula 3

Objetivo específico:

- Decidir como vão expor seu acervo de fotos.

Metodologia

Confeccionar o convite para a comunidade escolar acerca da mostra fotográfica. Arrumar a sala de aula para a mostra. Os grupos decidirão como vão apresentar o seu acervo fotográfico: álbum seriado, cavaletes, pendurados em fios de náilon, painéis, etc.

É também importante que alguns alunos se dediquem à comunicação visual da exposição: sinalização, textos explicativos, etiquetas para as obras. Lembre aos alunos que as etiquetas e textos devem ser legíveis, mas que não devem chamar mais a atenção do que as próprias obras. Basicamente uma etiqueta deverá conter as seguintes informações: autor da obra, título, data, técnica, dimensões.

Aula 4 e 5

Objetivo específico:

- Expor para a comunidade escolar as produções fotográficas.

Metodologia:

Chega o grande dia! Os alunos irão apresentar para a comunidade escolar sua produção fotográfica explicando o processo de produção, o tema escolhido, etc.

Avaliação:

Se dará processualmente em três eixos de aprendizagem: o conteúdo; o aprofundamento do tema; a aproximação com a prática social relacionada ao produto final. Quanto ao conteúdo e aprofundamento do tema observando a interação dos alunos durante as aulas e trabalhos de grupo. Quanto a aproximação com a prática social, observando o interesse, empenho, compromisso e cuidado ao realizar a preparação para a mostra fotográfica visto que são duas as funções principais das cerimônias de fechamento de um projeto didático: dar ao aluno visibilidade para o processo de aprendizagem pelo qual passou e apresentar o trabalho da turma para a comunidade e os pais, que são estimulados a perceber o avanço de seus filhos.

[VOLTAR](#)

Anotações do professor:

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação reflete as mudanças da sociedade e, por isso, a alfabetização e letramento visual se torna urgente nas escolas entendendo como se dá o processo ensino-aprendizagem, que tem determinado seus sucessos e fracassos, o papel do professor e a função da sua prática pedagógica nesse processo, para a percepção real do que vem acontecendo em nossa realidade educacional. São muitas as variáveis envolvidas no processo educativo, mas a ação docente é fator determinante do que acontece dentro da sala de aula.

Desta forma é sobre o professor e a sua prática pedagógica que recai a responsabilidade de ensinar os alunos e formá-los para a vida em sociedade. Este é o ponto principal que procuramos destacar nesse caderno, a necessidade de capacitar os alunos a ler as imagens e estabelecer relações de sentido entre as linguagens verbal e não verbal.

Propusemos então uma sequência de atividades que ajudarão nessa capacitação e ajudarão a você, professor, percorrer o espinhoso caminho rumo ao letramento visual.

Sabemos que o educador sozinho não conseguirá realizar esta empreitada, mas contamos com a participação dos alunos visto que as atividades propostas partem do cotidiano discente e são dinâmicas e motivadoras.

Por isso, professor, concluimos que o trabalho com análise de imagens é algo possível de ser realizado em sala de aula.

[VOLTAR](#)

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins et. tal. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL / UFPE, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CÂMARA, Mônica. **Uma gramática visual para o fotojornalismo**. João Pessoa, 2010

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multiletramentos a partir da gramática do design visual: possibilidades e reflexões**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_705.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015

História da fotografia. Disponível em <<https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Os gêneros do discurso. In. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2000.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In. **Baktin: conceitos-chave**. 5^a ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MURITIBS, Maiara. Sebastião Salgado. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&>. Acesso em: 20. jul. 2014.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Análise crítica do discurso e teoria da multimodalidade: uma proposta de letramento visual/crítico**. In. SENALIC, 05, 2014. ARACAJU – SE

_____. **Gêneros multimodais e multiletramentos:** novas práticas de leitura na sala de aula. In. VI Fórum identidades e alteridades e II congresso nacional educação e diversidade. 28 a 30 de novembro de 2013 UFS–Itabaiana/SE, Brasil.

SALGADO, Sebastião; Concepção e realização Lélia Wanick Salgado; tradução Dorothée de Bruchard. **Outras Américas**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

[VOLTAR](#)

6. ANEXOS DO CADERNO PEDAGÓGICO

6.1 ANEXO A - FOTOGRAFIA: COMO A TÉCNICA FOI INVENTADA

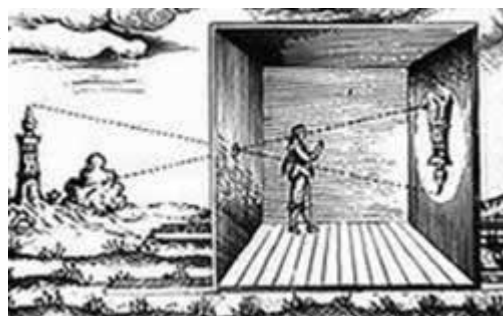
Valéria Peixoto de Alencar*

Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação

(Atualizado em 07/01/2014, às 18h30)26/03/200715h09

Desde seu surgimento, em 1826, pelas mãos do francês Joseph Nicéphore Niépce, às minicâmeras embutidas em celulares, a fotografia evolui a passos largos. Entenda como se deu essa história fascinante.

Palavra de origem grega que significa "desenhar com luz", fotografia é a técnica de gravação por meios mecânicos e químicos ou digitais de uma imagem sobre uma camada de material sensível à exposição luminosa, o suporte. Surgiu das tentativas de vários pesquisadores que, independentemente, trabalharam para aperfeiçoar os métodos de impressão sobre papel. Niépce, hoje



Esquema da câmara obscura

reconhecido como seu inventor, teve a idéia de unir dois fenômenos conhecidos:

Um fenômeno físico, já utilizado por artistas pelo menos desde a época de Leonardo Da Vinci: a câmara obscura;

Um fenômeno químico para fixar as imagens geradas pela câmara obscura: a fotossensibilidade dos sais de prata, comprovada pelo físico alemão Johann Heinrich Schulze desde 1727.

Niépce utilizou uma placa de estanho coberta com betume e produziu uma câmera que exigia cerca de oito horas de exposição à luz solar, invenção que batizou de heliografia. Morreu em 1839, antes de vê-la aclamada. Quem levou a fama durante muito tempo foi seu sócio Louis Jacques Mandé Daguerre, que, em 1835, substituiu a placa de estanho por uma de cobre coberta com prata polida. Ele denominou sua máquina de daguerreótipo e o processo de daguerreotipia, para ter certeza de que a humanidade não o esquecerá, como havia acontecido com Niépce.



A fotografia mais antiga já encontrada, de 1826, feita por Niépce.

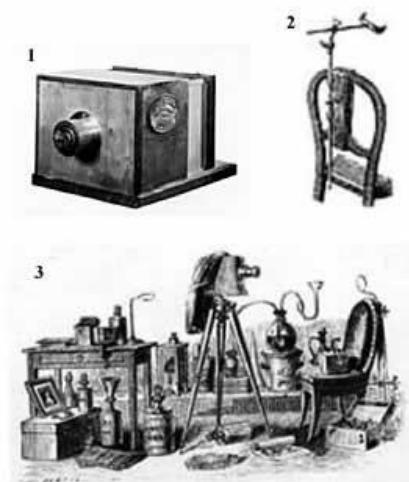
Novas técnicas

Também em 1835, o inglês William Henry Fox Talbot, em vez de placas de metal, utilizou folhas de papel cobertas com cloreto de prata e inventou o "desenho fotogênico", conhecido pelo nome de calotipia. Esse processo é muito semelhante ao processo fotográfico utilizado hoje pelas câmeras mecânicas, pois produz um negativo que pode ser utilizado para a reprodução de inúmeras cópias, diferentemente do daguerreótipo, que produzia uma única imagem. A invenção de Daguerre foi melhor sucedida inicialmente inicialmente por agradar a burguesia emergente que preferia queria um retrato exclusivo, mas não tinha recursos para pagar um pintor.

15 minutos de exposição

Os estúdios de retratistas só começaram a proliferar em 1842, quando o aumento da sensibilidade das placas e a criação da lente objetiva por Joseph Petzval reduziram o tempo da pose de 15 minutos para 24 segundos. Imagine se você tivesse que ficar 15 minutos parado depois que o fotógrafo dissesse "xis", para que a foto fosse feita!

Como as pessoas a serem fotografadas não podiam se mover, havia, acoplada à câmera de daguerrotipia (figura de número 1, no desenho ao lado), um suporte para fixar a cabeça do modelo, fixado na cadeira (2). O equipamento montado ficava como mostra o desenho 3.



No Brasil

Não era só na França e na Inglaterra que havia gente tentando desenvolver a fotografia no início do século XIX. Em 1824, chegou ao Brasil o pintor e naturalista francês Antoine Hercule Romuald Florence. Por volta de 1833, morando aqui, ele fotografou através de uma câmara obscura com uma chapa de vidro e usou papel sensibilizado para a impressão por contato. Mesmo distante e sem conhecimento dos feitos de seus contemporâneos Niépce e Daguerre, obteve resultados semelhantes em seus experimentos, que chamou pela primeira vez de "photographie".

[VOLTAR.](#)

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

6.2 ANEXO B - SEBASTIÃO SALGADO

Sebastião Salgado

Maiara Muritibs

Minicurrículo

Nascido em 8 de fevereiro de 1944, Sebastião Ribeiro Salgado é um dos mais respeitados fotojornalistas da atualidade. Mineiro, de Aimorés, Salgado graduou-se em economia concluindo mestrado e doutorado na mesma área (fez mestrado de Economia no Brasil, na USP, em 1967, e doutorado, na França, na Escola Nacional de Estatísticas Econômicas, em 1971).

Foi em um de seus trabalhos como economista, na Organização Internacional do Café, na década de 1970, que Sebastião descobriu a fotografia como forma de retratar a realidade econômica de diversos locais do mundo. Ao fotografar os cafezais africanos, para ele a fotografia apresentou-se melhor do que textos e estudos estatísticos para retratar a situação econômica dos lugares pelos quais passava.

Ao retornar a Paris, começou a trabalhar como free-lancer em fotojornalismo. Trabalhou para grandes agências como Sygma, Gamma e Magnum. Contribuiu com diversas organizações humanitárias como UNICEF, OMS, a ONG Médicos sem Fronteiras e a Anistia Internacional.

Publicou diversos livros com reuniões de fotos: Trabalhadores (1996), Terra (1997), Serra Pelada(1999), Outras Américas (1999), Retrato de Crianças do Êxodo (2000), Êxodos(2000), O Fim do Pólio(2003), Um incerto Estado de Graça(2004), O Berço da Desigualdade(2005)

Objeto de Trabalho

Sebastião Salgado procura fazer as pessoas refletirem sobre a situação econômica do local retratado, seja por meio do choque, ou seja por meio da imagem nua e crua da pobreza, da dor, e da fome. Uma vez questionado em uma de suas exposições, disse: "Espero que a pessoa que entre nas minhas exposições não seja a mesma ao sair" .

Como economista, o que despertou o interesse dele para a fotografia, foi o fato dela expressar, com maior impacto e intensidade, a situação de miséria em que vivem as pessoas de países africanos da região do Sahel, como também a violência da Guerra Civil da Angola.

Através de suas lentes, Salgado explora temas clássicos da Economia como desigualdade social e globalização. Sua intenção é gerar debate ao redor dessas questões expondo-as da forma mais clara possível em suas imagens.

Metodologia

O trabalho de Sebastião Salgado é fortemente influenciado pela técnica do "momento decisivo", empregada pelo fotógrafo francês Henri Cartier Bresson. Esta técnica consiste em fotos diretas, disparadas no momento crucial a ser retratado pelo artista. Desta forma, o fotógrafo procura transmitir em um "shot" todo o drama e impacto da situação observada.

Além do mais, observa-se que todo o trabalho de Salgado é realizado em preto e branco. A ausência de cor significa ausência de informação, isto é, o foco está na clareza da situação retratada. O autor da foto deseja que aquele que a observa concentre-se na situação em si, e não em um ou mais elementos da mesma, o que interessa é o contexto, o impacto do momento retratado.

Além disso, nas fotos de Sebastião Salgado, a ausência de cor enfatiza o drama da situação retratada, a dor e o desespero. É como se o mundo perdesse a cor, a vida, a alegria, já que Salgado utiliza sua fotografia como ferramenta de denúncia da pobreza, violência, guerra e fome em regiões miseráveis do mundo.

Fonte:http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&

[VOLTAR](#)

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

6.3 ANEXO C - FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

Mesmo sofrendo influência por parte dos filtros sociais, culturais e pessoais do fotógrafo, a fotografia documental tem como objetivo retratar fielmente a realidade, com foco em algum assunto específico, abrindo espaço para a reflexão e/ou aceitação dos fatos pelos apreciadores das imagens.

A fotografia documental é uma documentação de um fato real por intermédio de uma imagem.

Apoia-se na crença de ser uma impressão direta e trás como objeto fundamental a construção da realidade, se propõe a narrar uma história de uma sequência de imagens.

Refere-se inteiramente a alguma coisa palpável, material, preexistente, que se fixa com a finalidade de registrar e reproduzir fielmente a aparência. Para consolidar a confiança, para sustentar tal valor, apesar de não podê-lo garantir totalmente.

É através da fotografia documental que se tem os maiores relatos da história, e funciona como uma máquina do tempo, tendo uma função testemunhal. Esse tipo de fotografia não inventa, por isso desempenha um papel de documento. Tem caráter de documento, fonte e até mesmo testemunho da história.

É realista e comprova a existência de um fato. Tem função de reproduzir reflexões sobre a sociedade do nosso tempo.

[VOLTAR](#)

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

6.4 ANEXO D – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

1. Qual tipo de fotos você costuma tirar?

() Selfies () encontros familiares () com amigos () festas () outros _____

2. O que você gosta de fotografar?

() pessoas () objetos () animais () paisagens () outros _____

3. Além das tiradas por você, onde você costuma encontrar fotografias?

() Revistas () catálogos () livros didáticos () álbum de família () jornais

() ambientes virtuais/ redes sociais () outros _____

4. Você tem celular com câmera?() sim () não

5. Você tem câmera fotográfica?() sim () não

6. Com qual aparelho você costuma fotografar?

: () câmera digital () celular () máquina convencional

[VOLTA AO SUMÁRIO](#)

6.5 ANEXO E - GÊNERO DISCURSIVO: LEGENDA DE FOTO

LEGENDA DE FOTO

[A legenda e a foto-legenda](#)

Legendas são os textos que aparecem imediatamente abaixo ou ao lado, raramente acima, de uma fotografia, identificando-a, contextualizando-a e acrescentando alguma informação a partir da matéria que a acompanha. Já as foto-legendas são textos curtíssimos que acompanham uma foto, descrevendo-a e adicionando a ela alguma informação, mas sem matéria à qual faça referência; tem valor de uma matéria independente. A notícia é dessa forma, interpretada com palavras e imagens, onde nem sempre o texto é espelhado na imagem, nem a foto é o registro fiel do acontecimento, buscando sempre essa junção, que remete o leitor ao local dos fatos, em busca do entendimento maior dos acontecimentos.

(<http://trabalhandogeneros.blogspot.com.br/2010/10/legenda-e-foto-legenda.html>)

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

6.6 ANEXO F – TEMA

TEMA

Professor, observe as definições da palavra tema retirada do Michaelis Dicionário de Português online. Você poderá distribuir essa definição impressa, apresentar em slide ou copiar no quadro e pedir aos alunos que aponte qual das definições acima se enquadra à foto apresentada.

te.ma¹

sm (grthéma) **1** Assunto ou proposição de que se vai tratar num discurso. **2** Matéria de um trabalho literário, científico ou artístico. **3** Texto da Escritura no qual o pregador se baseia em um sermão. **4** Trecho que o professor dá ao aluno para traduzir da língua que fala para aquela que está aprendendo. **5** Composição do aluno feita sobre o ponto que lhe foi dado. **6** Assunto, matéria, argumento. **7** *Mús* Motivo de uma composição, do qual se desenvolve toda a partitura. **8** *Gram V radical. T. celeste, Astrol:* figura que os astrólogos traçam para tirar o horóscopo de alguém, marcando o lugar das estrelas e dos planetas.

(MICHAELIS Dicionário de Português Online.. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tema>

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

6.7 ANEXO G – COMO FOTOGRAFAR

COMO FOTOGRAFAR

Imprima a página e recorte a tira coloque-as num saquinho e faça o sorteio. Se quiser acrescente mais frases.

- O fotografado deverá estar olhando diretamente para a câmera.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano médio.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano fechado.
- O fotografado deverá estar olhando de lado.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano aberto.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano aberto e o fotografado deverá olhar de lado.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano fechado e o fotografado deverá olhar de frente.
- O fotógrafo deve utilizar o enquadre em plano médio e o fotografado escolhe se olha de frente ou de lado.

[VOLTAR](#)

6.8 ANEXO H - MOSTRA FOTOGRÁFICA – DICAS DE COMO MONTAR

Algumas dicas podem ser úteis tanto para a elaboração do projeto expográfico quanto à montagem em si. Além do visual, é importante pensar em estabilidade e segurança. Caso utilizem estruturas móveis (painéis, pedestais etc) eles deverão estar firmes, sem oferecer riscos às obras e muito menos aos visitantes. Peças muito pequenas devem ser apresentadas preferencialmente em vitrines, mas se não for possível, convém colocar lembretes para que o público não toque.

Cores: nas últimas décadas as tradicionais paredes e fundos brancos para expor objetos estão sendo substituídos por fundos coloridos, mas vale lembrar que a cor contém informações emocionais que podem influenciar na apreciação das peças. Áreas pintadas de cores claras parecem maiores, cores quentes se expandem mais que cores frias. Antes de mais nada, lembre que as superfícies sejam elas paredes, vitrines ou pedestais, devem estar limpos.

Luz: a luz ajuda a criar uma atmosfera na exposição. Sempre que possível, é interessante usar uma luz dirigida, mas é importante direcionar o foco para o objeto e não para o visitante.

- teto translúcido com lâmpadas - luz uniforme.
- spots direcionados para o teto - luz indireta, agradável, mas insuficiente para a iluminação geral
- spots no teto - efeito dramático pode ser insuficiente para a iluminação.

Outros recursos utilizáveis: uso de sonorização, recursos audiovisuais etc.

Ao expor obras bidimensionais:

- Evite agrupar uma grande quantidade de obras para não comprometer a apreciação
- O horizonte da obra (linha do meio) deve estar em média a 1,60 do chão (nível do olho humano)
- O alinhamento dos quadros deve ser preferencialmente horizontal (uma obra ao lado da outra e não uma sobre a outra), podendo-se optar fazê-lo pelo centro, pela parte superior ou pela parte inferior.
- A distância entre observador e obra: obras de até 0,80m de altura = 1,50m; obras com até 1,60m de altura = 3,0m
- A etiqueta deve ser colocada sempre à direita, à aproximadamente 1,10m do chão.

Materiais: o manuseio das obras exige que as mãos estejam sempre limpas. Nos museus os técnicos de montagem utilizam luvas para evitar que a transpiração e a gordura das mãos sujem os trabalhos (principalmente para aqueles realizados em papel). Para evitar danos nas obras em papel procure não colar fita adesiva (durex) ou dupla-face diretamente no trabalho. Você pode

sugerir aos alunos colar antes um pedaço de esparadrapo cirúrgico (microporoso) e sobre ele aplicar a dupla face. Criar uma moldura de papel liso e de cor contrastante num trabalho em papel poderá valorizá-lo (isso poderá ser feito aplicando o trabalho sobre um papel com maiores dimensões do que a obra). O mesmo recurso poderá ser aplicado às peças tridimensionais. Evite decorar as molduras, para que não haja poluição visual e consequente depreciação do trabalho.

Outra dica: comidas e bebidas não combinam com ambientes de montagem - evite acidentes. Mantenha as obras fora do alcance das gorduras presentes nos lanches e demais alimentos. Preveja um dia só para a desmontagem - é importante que todos participem, pois assim o mesmo cuidado com a montagem das peças, deverá ser dado à desmontagem da mostra, de modo que os originais possam ser devolvidos íntegros aos seus donos.

Paralelamente um grupo de alunos poderá cuidar da divulgação da mostra e da cerimônia de inauguração à qual tradicionalmente denominamos vernissage, um termo francês que remete à tradição de se finalizar uma pintura aplicando sobre ela uma demão de verniz protetor. Transforme esse exercício em um momento de partilhar conhecimentos e realizações: vocês poderão pensar em um evento com um tipo de coquetel organizado pelos próprios alunos, com a participação dos familiares, amigos e outros convidados da escola, dividindo com a comunidade os resultados de um projeto que certamente representará o envolvimento e a dedicação de todo o grupo. Para deixar uma marca, crie um livro de assinaturas que ficará na saída da exposição à disposição do público - nele os visitantes poderão registrar suas impressões. Guarde assim uma parte da memória deste exercício que talvez possa até se transformar em um projeto da escola, renovando-se ano a ano.

(<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/como-elaborar-uma-exposicao>)

[VOLTAR](#)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou promover o letramento visual mediante a análise de imagens fotográficas. Com o acesso à tecnologia os adolescentes estão cada vez mais entediados com as aulas monótonas com pincel e quadro e ansiando por metodologias mais dinâmicas e instigantes.

Durante a pesquisa bibliográfica, com o intuito de aprofundamento teórico, percebemos que os estudos sobre a linguagem apontam que o letramento visual é muito importante para que o indivíduo compreenda plenamente uma mensagem. Entretanto, constata-se também que mesmo imersos em uma sociedade cada vez mais multimodal nossos alunos ainda não apresentam habilidades e competências satisfatórias de modo a estabelecer sentidos a gêneros intrinsecamente não verbais, pois a grande maioria dos estudantes vê a imagem apenas como suporte ou ornamento do texto verbal.

Consideramos, então, para a escolha do *corpus*, a fotografia pela aproximação desse gênero com o universo adolescente e também pela necessidade de se trabalhar em sala de aula a leitura de imagens. Para isso, utilizamos como metodologia a análise e leitura das fotos de acordo com a Gramática do Design Visual que oferece subsídios para a identificação de elementos funcionais, estáveis e organizados que permite analisar “gramaticalmente” uma imagem. Além da GDV, a pesquisa-ação foi utilizada por causa da sua característica prática e dialógica, ou seja, considerando que no Mestrado profissional deve-se criar uma proposta metodológica aplicou-se uma sequência de atividades organizadas em um projeto didático que foram sendo reformuladas ao longo de sua aplicação em contato com os participantes da pesquisa e culminou em um caderno pedagógico.

O caderno pedagógico tem como objetivo principal oferecer um subsídio teórico simplificado a respeito da GDV para o professor que, cremos, não estudou essa teoria em sua graduação visto que ela é recente na academia, e, também facilitar o dia a dia do docente com uma sugestão de análise de imagens compiladas em atividades sequenciais.

Conclui-se então que essa pesquisa ao promover a leitura crítica de imagens contribuiu para a formação e ampliação do sentido crítico dos alunos. Além disso, possibilitou uma postura diferenciada a respeito das aulas de Língua Portuguesa com atividades que buscam dinamizar o cotidiano escolar. Igualmente, percebemos que a aplicação da pesquisa e os resultados obtidos corroboram para os benefícios que traz a análise de imagens para o professor e os alunos.

6. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Correa Araújo. **Imagens documentais: subjetividades est(éticas) e (a)políticas**. Revista Discursos Fotográficos, Londrina, v.10, n.17, p.87-116, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/?page_id=2476>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- ALBORNOZ, Carla Victoria. **Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na Fotografia Humanista**. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_09_CarlaVictoria.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.
- ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. et al. E-book. Refazendo os percursos da gramática visual. In. **Sintaxe em foco**. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARRAL, Gilberto Luiz Lima. Liga esse celular! Pesquisa e produção audiovisual em sala de Aula. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/1889/1648>>. Acesso em: 14 ju. 2015.
- CÂMARA, Mônica. **Urubu rei: uma imagem fotojornalística e suas multimodalidades**. In: ALMEIDA, Daniele Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- CÂMARA, Mônica. **Uma gramática visual para o fotojornalismo**. João Pessoa, 2010
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- COSTA FURST, Mariana Samos Bicalho. **Infográficos: Habilidade na Leitura do Gênero por Alunos de Ensino Médio e Ensino Superior**. Belo Horizonte, 2013. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013
- DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. **Ler o mundo : um olhar através da semiótica social**. Educação Temática Digital, Campinas, v.3, n.2, p.19-26, jun. 2002. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/1793>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERREIRA, Júlia Mariano; COSTA, Marcelo Henrique da. **Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais**. Revista Discursos fotográficos, Londrina, v.5, n.6, p.213-228, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/?page_id=2476>. Acesso em: 29 jul. 2015.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multiletramentos a partir da gramática do design visual: possibilidades e reflexões**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_705.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Os gêneros do discurso. In. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2000.

LOMBARDI, K. H. **DOCUMENTÁRIO IMAGINÁRIO**: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea. 2007. 172 f. Belo Horizonte, 2007. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In. **Baktin: conceitos- chave**. 5^a ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e História interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/site/?cat=30>>. Acesso em: 24 jul 2015.

MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORAES, Rafael Castanheira Pedrosa de. Rupturas na fotografia documental brasileira: Claudia Andujar e a poética do (in)visível. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v.10, n.16, p.53-84, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/?page_id=2476>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MURITIBS, Maiara. Sebastião Salgado. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&>. Acesso em: 20 jul. 2014.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Análise crítica do discurso e teoria da multimodalidade: uma proposta de letramento visual/crítico**. In. SENALIC, 05, 2014. ARACAJU – SE

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Gêneros multimodais e multiletramentos: novas práticas de leitura na sala de aula**. In. VI Fórum identidades e alteridades e ii congresso nacional educação e diversidade. 28 a 30 de novembro de 2013 UFS–Itabaiana/SE, Brasil.

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>>. Acesso em: 10 jun. 2014

PIZZANI, L. et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1**QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM**

7. Qual tipo de fotos você costuma tirar?

() Selfies () encontros familiares () com amigos () festas () outros _____

8. O que você gosta de fotografar?

() pessoas () objetos () animais () paisagens () outros _____

9. Além das tiradas por você, onde você costuma encontrar fotografias?

() Revistas () catálogos () livros didáticos () álbum de família () jornais

() ambientes virtuais/ redes sociais () outros _____

10. Você tem celular com câmera?() sim () não

11. Você tem câmera fotográfica?() sim () não

12. Com qual aparelho você costuma fotografar?

: () câmera digital () celular () máquina convencional

ANEXOS

ANEXO A - Atividade – 1ª etapa – aula 1**CÓPIAS DA LINHA DO TEMPO CRIADAS PELOS ALUNOS**

Nikol e Voldemar



2000720



DSTQSS

1826

○ francês Joseph Nicéphore Niépce
inventou as minicâmeras embutidas
em celulares, a fotografia inclui a passar
largos.

1827

Um processo químico para fixar as imagens
geradas pela câmera obscura.

1839

Niépce utilizou uma placa de estanho coberto
com betume e produziu uma câmera que
exigia cerca de oito horas.

1835

em vez de placas de metal, utilizou folhas
de papel coberto com cloreto de prata.

1842

quando o aumento da sensibilidade das
placas e o uso de lentes objetivas por
Joseph.

1824

Chegar ao Brasil o pintor e naturalista
francês Antônio.

1833

morando aqui, ele fotografou o interior
de uma câmera obscura.

Linha do Tempo

data . . .
S T Q Q S S D

1826

Um fenômeno químico para fixar as imagens guardadas pela câmara escura.

1827

1839

Niepce utilizou uma placa e produziu uma câmara escura oito horas a luz solar e morreu antes de vê-la concluída.

Surgimento das mini-câmeras embutidas em celulares pelas mãos de Francis Joseph.

1835

1835

O inglês William Henry em vez de placas de metal utilizou folhas de papel coloridas clareadas de prata e inventou o "lousinho fotogênico" (calotipia).

Seo Louis Jacques substituiu a placa de estanho pela placa plástica.

1824

A chegada do pintor naturalista francês no Brasil.

1842

Os estudos de retratista já começaram a proliferar em 1842 com o aumento da sensibilidade das placas e da criação da lente reduzindo o tempo de 15 minutos para 24 segundos.

1833

Ele fotografou a trave de uma câmara escura com uma chapa de vidro e usou o papel para empunção por contato.

Alunas: Klucilene, Falciana e Xosmin.

10.08.15

Colégio municipal de Andaraí
 Estudante: Catarina Oliveira da Silva
 Disciplina: Português Série: 9º ano C

Limpa do Tempo

1826 Pelas mãos do francês
 Joseph Nicéphore Niépce, as primeiras
 imagens emulsadas em escuridão a fotografia
 a partes longas

1827 Um fenômeno físico, foi utilizado por Leonardo
 da Vinci com a câmera obscura; fenômeno químico
 para criar as imagens pela câmera obscura

1839 Morreu em 1839 Niépce antes de ir para a cama
 quem levou a nome durante muito tempo foi
 seu sócio Louis Jacques Mande Daguerre, que em
 1835 substituiu a placa de estanho por uma
 de cobre coberta com prata polida.

1835 William Henry Fox Talbot, em vez de placas
 de metal utilizou placas de papel cobertas
 com clorato

1842 O aumento da sensibilidade das
 placas e a criação de lente objetiva
 por Joseph Petzval reduziram o tempo
 de 15 minutos para 24 segundos.

10 08 15

Colégio Municipal de Andaraí

Aluno(s): Cláudia e Beatriz Disciplina: portuguêsTurma: 9º ano C

Linha do tempo:

1826

Em 1826 surgiu câmeras fotográficas pelo francês Joseph Nicéphore Niépce. as primeiras embutidas em placas, a fotografia evolui a passos largos.

1727

Um fenômeno químico para fixar as imagens geradas pela câmara obscura: a fotossensibilidade das sales de prata, comprovado pelo físico alemão Johann Heinrich Schulze desde 1727.

1835

Quem levou a fama durante muito tempo foi seu sócio Louis Jacques Mande Aguerre, que em 1835 substituiu a placa de estanho por uma de cobre coberta com prata polida.

1835

Também em 1835, o inglês William Henry Fox Talbot, em vez de placas de metal, utilizou folhas de papel cobertas com cloreto de prata e inventou o "desenho fotográfico". Conhecido pelo nome de calótipos.



1842

Os estudos de retratistas
se começaram a proliferar
em 1842, quando o aumento da sensibilidade
das placas e a criação da lata albutina
por Joseph Petzval reduziram o tempo
da pose de 15 minutos para 24 segundos.

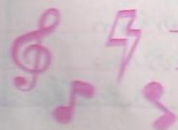


1824

Em 1824, chegou ao Brasil o pintor e natura-
lista francês Antoine Hercule Ramuall
Florence.

1833

por volta de 1833, morando aqui, ele foto-
grafou através de uma câmera obscura
com uma chapa de vidro e um papel
sensibilizado para a impressão por contato.



ANEXO B - Atividade da 1ª etapa – aulas 2 e 3



ANEXO C - Atividade 1ª etapa – aulas 2 e 3

Grupo 1

A princesa e o sapo

Era uma vez uma princesa que estava à procura de um grande amor. De repente aparece um sapo dizendo que era um príncipe. Ela virou, olhou pra ele e não acreditou.

O sapo muito triste falou:

_ Estou pedindo um beijo e verás que não estou mentindo.

Então, a princesa com suas delicadas mãos pega o sapo e lhe tasca um beijo. De repente, ele se transforma em um príncipe e viveram felizes pra sempre.

(9º ano. Eviny – fotógrafa; Beatriz – príncipe; Miriely – princesa)



ANEXO D - Atividade – 2ª etapa – aula 1

ANEXO E - Atividade – 2ª etapa – Aulas 3 e 4

CÓPIAS DOS TEXTOS CRIADOS A PARTIR DAS FOTOS DE SALGADO

data Nikael
S T Q Q S S D

A Vida Sozida

Uma família que não tinha uma renda fixa, e passava muita dificuldades. As crianças são obrigadas a trabalhar na roça, juntos com os seus pais. Essas pessoas são chamadas de boi fria, porque eles sai cedo de suas casa e prepara sua comida para almôça no seu trabalho.

Eles trabalham de Sol a Sol sendo humilhado pelos seus patrões e eles não tem o direito de falar nada porque eles precisam do serviço.



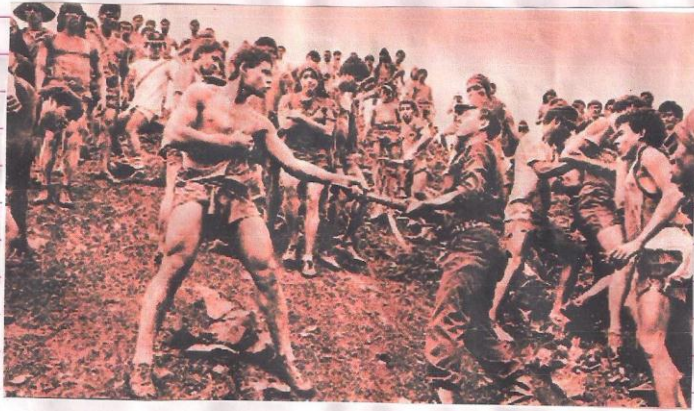
Colégio Municipal de Andorinha
 Aluna - Beatriz Corralho Série - 9ª Anos
 Professora - Cynthia Carla Andrade

"O Escravidão em busca da liberdade"

Nessa época os escravos estavam unidos
 do os tempos.

Os Saldados estavam tentando comprar mais
 eles não queria comprar pois estavam sem moradia
 e não tinha onde ficar.

Então decidiram ir para um lugar mais
 ao chegar lá os Saldados tentaram comprar um
 dos negros tentou ir para cima mais ele se protegeu
 e sem querer pegou o fúto do escravo que
 estava querendo uma moradia para morar...





Escola municipal de Andorinho

Prof. Cynthia Carla Andrade

Aluno: Ricardo Soares de Souza

A migração

A migração com a seca as pessoas estão atrás de água, comida quando acham acabam ficando, todas as pessoas pegam a água, a comida e com o tempo a comida é sem trabalho aí eles saem das zonas para as cidades em busca de trabalho, de água e de comida para sustentar a família de três filhos e uma esposa por que na zona a vida era difícil com a seca não tinha água e nem comida para sustentar a família e os animais morrem sem comida e sem água.

© Sebastião Salgado/Amazonas/npictures



Estudante: Luciana Jesus dos Santos

A vida de uma mulher e seu filho

Era uma vez uma mulher que se apaixonou por um homem, porém suas vidas eram separadas, eles viviam com a triste pobreza, dessa paixão veio um lindo filho. Porém para mulher em vez de ser um motivo para comemorar era motivo de tristeza, pois ela já sabia que seu filho ia passar fome e sofrer muito com a sua pobreza, toda vez que ela vai amamentar seu filho sente uma imensa tristeza, porque sabe que quando ele abra seu leite ele vai passar muita fome.



Colégio municipal de Andorinha

Aluna: Catorina

Disciplina: Português

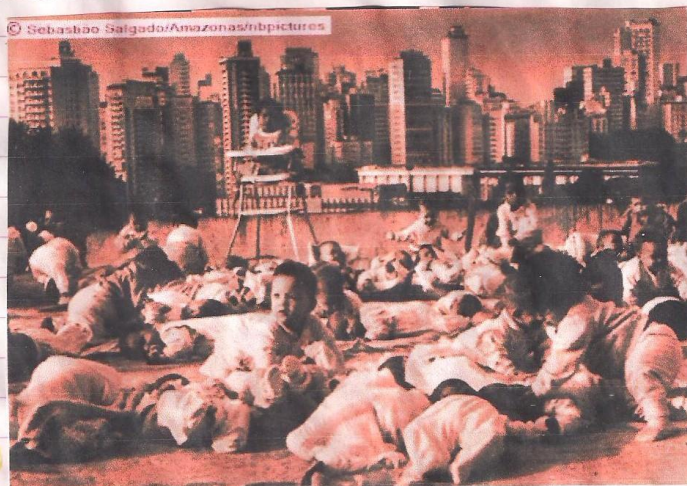
Professora: Cynthia Barlla

Série: 9º ano E

A vida no orfanato

Hoje em dia as mulheres engravidam mas a maioria delas não podem criar por não terem condições ou por serem de menor idade e seus pais não ajudam.

Mais hoje temos os orfanatos para dar uma chance para a vida dessas crianças mas os orfanatos não são muito bons porque quem lá trabalha sem pai sem mãe esse orfanato sem amor, paz e alegria, eles ficam doentes no corpo umas por falta das outras.



tilibra

© Jolie

Jolie

Colégio Municipal de Andaraí

Aluna: Cleidiane

Série: 9º ano B

Disciplina: Português



O Acampamento



O Acampamento que ao olhar parece um lugar que tem crianças, adultos e que estão brincando e se divertindo é um lugar que parece não ser apropriado. Tem muita bagunça e parece haver fumaça no território onde eles acamparam e o lugar parece feio velho e tem crianças brincando etc.





Embrulha de direitos

Antes as pessoas tinham que seguir regras, por ordem dos seus governantes que obrigava as pessoas fazer coisas que não queriam, mas um dos estudos não aguentou mais e veio desse jeito.

Dona Maria resolveu fazer um protesto e convidou outras pessoas que protestam por isso e foram para a casa do governante pra serem libertadas dessa vida um pouco melhor. Brincos de color, brincos de menos de idade, por que eles foram libertados.

Palita Oliveira dos Santos

ANEXO F - Atividade 2ª etapa – aula 7**PLANO ABERTO**

PLANO MÉDIO**PLANO FECHADO**

ANEXO G - Atividade - 3ª etapa – aulas 4 e 5 - mostra fotográfica

ÁLBUNS SENDO APRECIADOS PELOS ALUNOS

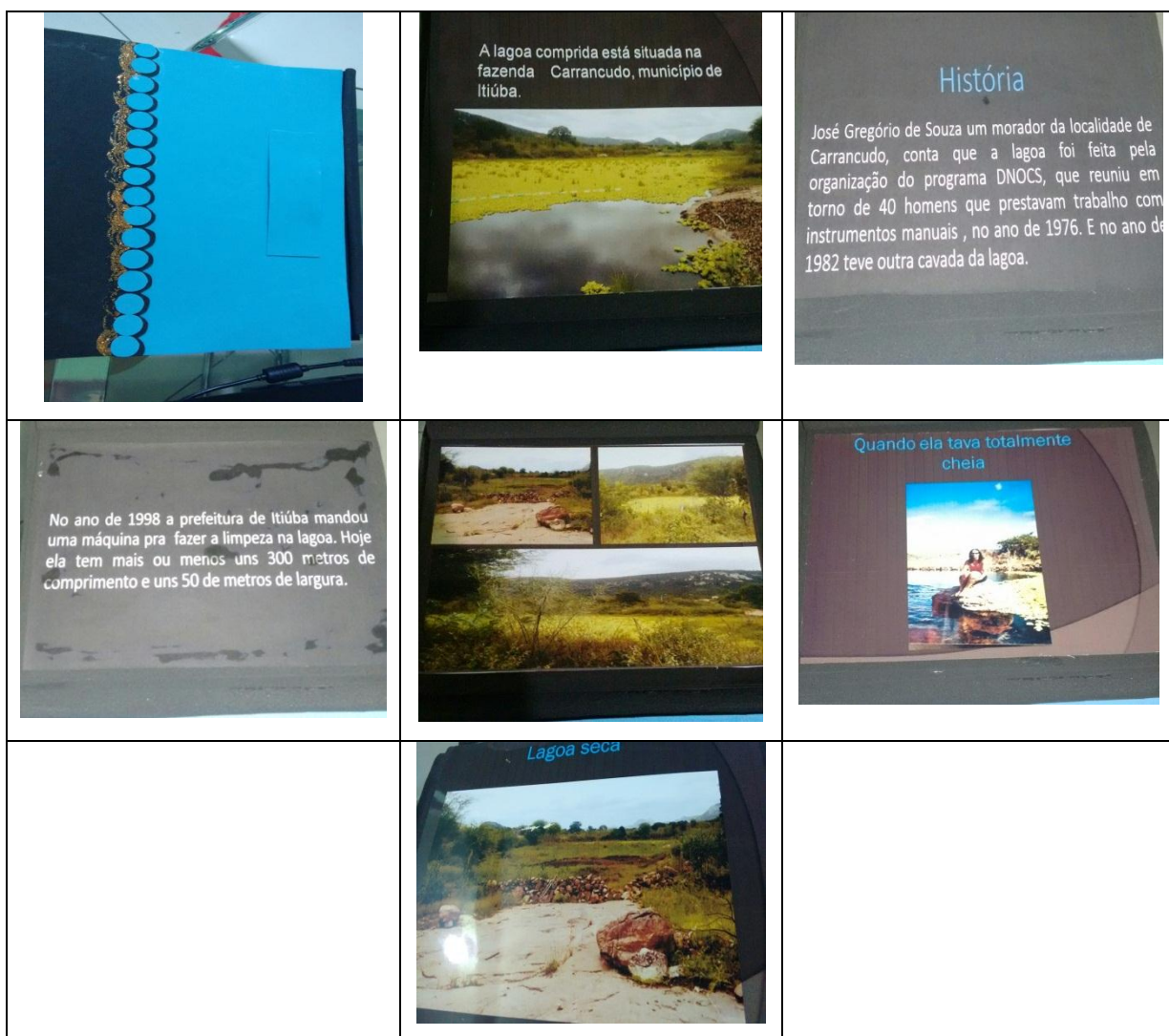




ANEXO H - Páginas do álbum de fotos do 1º grupo



ANEXO I - Páginas do álbum do 2º grupo



ANEXO J - Páginas do álbum do 3º grupo

